CURIOSIDADES

Escola Nal de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

IPHAN
200060
449/11
20/06/2011

CURIOSIDADES

NOTICIAS E VARIEDADES HISTORICAS

BRAZILEIRAS

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69, Rua do Ouvidor, 69

OR
981.03
M839

CANÇÃO

Musa, tu que até agora ao som do vento
Ao som dos crespos, inquietos mares
Soltaste um vão lamento,
De mil queixumes povoaste os ares,
È tempo já... consola-te, respira,
E dignos versos a teu vate inspira.

Não vou cantar de corações guerreiros
Impias façanhas, barbaras victorias;
Os heroes verdadeiros
Não são esses que adquirem torpes glorias
Bebendo o sangue dos mortaes aflictos
Na guerra atroz, nos horridos conflictos.

Pacifico varão, dos ceos mimoso,
Alma das almas, exemplar brilhante;
Um coração piedoso,
Um grato gesto, um placido semblante
Digno de amor, de submissão, de affecto,
Vai ser do meu louvor sublime objecto.

Sim, Vasconcellos, o teu nome egregio
Que o mundo incensa, que a verdade aclama,
Que ao pé do solio regio
Conduz mil vezes a volatil fama,
Na minha ingenua voz farei que sôe,
Que toque ao proprio ceo, que aos astros vôe.

Se dos teus immortaes antepassados
Tu não foras, senhor, fiel transumpto,.
Se a teus lustres herdados
Um genio superior não vira junto
Não te cantara; o sangue sem virtude
È vão fantasma que aos mortaes illude.

Grande te fez a prospera fortuna,
Grande te fez a sabia natureza;
Ellas querem que se una
Em ti alta virtude, alta nobreza,
E os duplicados dons que em ti diviso
Duplicado louvor será preciso.

Não só da fama nos patricios lares
Ouvi contente resoar teus vivas;
Nestes mesmos lugares,
Com palavras de jubilo excessivas
Te ouço cantar por bocas que não fingem,
Por almas lisas, que meu lado cingem

Directa gratidão, ternos indicios
Mostram nos olhos, nas acções, nas frentes,
È aos claros céos, propicios
Mandam votos purissimos, cadentes,
Mandam vozes de amor e de lealdade
Pela tua cabal felicidade.

Eu dos braços paternos arrancado,
E pela furia de soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos lugares,
Onde talvez que me aparelhe a sorte,
Depois de infausta vida, infausta morte.

Eu finalmente com respeito interno,
Meus frouxos olhos nos teus olhos pondo,
Teu amavel governo,
Tua justiça, teus costumes sondo,
E digo então : Senhor, so tu podias
Tornar alegres os meus tristes dias.

So tu digno de estatuas de alabastro,
Digno do bronze que os heroes destingue
Melhorarás meu astro;
Astro infeliz, que o meu socego extingue,
E poderás salvar minha alma presa
Entre as sombras da livida tristeza.

Abatidos mortaes erguer da terra,
Tornar ditosos, consolar áquelles
A quem a sorte faz guerra ;
Ser pai, ser protector e abrigo delles,
É virtude immortal, gloria perfeita
A quem do tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,
Se o mundo o canta, se lhe origem templo
Á saudade, á ternura,
É porque foi da probidade exemplo,
É porque elle julgou perdido o dia
Em que algum beneficio não fazia.

Se do magno Alexandre os sabios fallam
Não é, não é, senhor, porque os seus braços
Altos muros escalam;
É só porque tirou de indignos laços,
E dentre as garras de um destino impio,
A regia prole do infeliz Dario.

Se a Mantuana, sonorosa lyra
Ao profugo troyano eleva tanto,
Não é porque elle inspira
Aos gregos susto, aos rutulos espanto;
É porque d'entre as mortes e os assombros
O já curvado pai salvou nos hombros.

Viver debaixo do teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
Teus meritos alçando
Ao palacio de Jove em metro grave,
O' que ventura, que benigna estrella,
Se o pensa-lo é prazer, que fôra o tê-la!

Surdo o fado á meus áis e ás minhas magoas
Deste ameno paiz me quer distante;
Manda que eu busque as aguas
Onde se banha o válido gigante,
Irmão dos impios que gerára a terra,
Que ao pai dos deusos declararam guerra

Mas ainda lá nesses lugares broncos,
De miseros mortaes, misero asylo,
Sobre duraveis troncos,
Teu nome escreverei com terno estylo,
Mostrando que não è lisonja infame
Quem move a minha voz a que te aclame.

Ó ditoso Brazil! provincia bella,
Que vê na mão do heroe que te domina
Toda a força daquella
A que o rapido Tejo a fronte inclina,
Vem de novo, com fervidos louvores,
Vem alentar meus tremulos clamores.

Vem... mas basta canção, que mais pertendes,
Onde vae arrojar-te! ah não prossigas,
De uns dons que mal comprehendes
Que poderás dizer, por mais que digas!
Não és capaz do assumpto que proclamas,
Só pertence aos Camões fallar dos Gamas.

Dezembarque da familia de Bragança no Rio de Janeiro

Na acta da sessão do senado da camara, celebrada em 23 de março de 1808, vem descriptos fiel e succintamente a chegada e desembarque das pessoas reaes no Rio de Janeiro; e como ainda se não publicou esse documento, julgamos curioso dar noticia dos factos, como alli estão referidos.

Adiantara-se da esquadra portugueza a náo rainha de Portugal em que vinham embarcadas as infantas D. Maria Francisca e D. Izabel Maria filhas do principe regente D. João; D. Maria Francisca Benedicta princeza do Brasil. viuva, e D. Marianna, tias do mesmo principe, as quaes chegando a esta cidade em 17 de janeiro de 1808, correu a bordo o senado da camara acompanhado dos juizes e almotacés, e de muitos cidadãos para saudarem a essas pessoas da real familia.

No dia seguinte annunciou o senado em

editaes a chegada de suas altezas, e determinou houvessem luminarias por tres dias.

Diversas vezes repetio o senado o cortejo a bordo, e pedio ao cabido fizesse celebrar preces pela feliz chegada do principe regente; e houve preces nove dias, e a todas assistio o senado.

Em 7 de março ancorou no porto a náo principe real em que estava o principe regente e a rainha D. Maria I, e nesse mesmo dia, ás 7 horas da tarde, dirigiu-se a bordo o senado acompanhado dos juizes almotacés, alferes da bandeira e muitos cidadãos, e obtida permissão, beijaram todos a mão do principe, a quem em um breve discurso significou o presidente do senado o seu respeito e vassalagem; alcançando licença foram saudar á rainha e suas filhas sustentando aquella em seus braços sua filha Maria d'Assumpção.

As quatro horas da tarde do dia seguinte desembarcou o principe regente e a familia real, excepto a rainha em consequencia do seu estado valetudinario. Salvaram nessa occasião os navios e as fortalezas, e o povo

gritou: Viva o nosso principe! viva o nosso soberano, viva o nosso imperador!

Junto ao caes do largo do Paço erguera-se um altar, onde estavam o chantre da Sé paramentado com as vestes sacerdotaes e mais dous conegos, como presbiteros assistentes.

Chegado á rampa do caes foi o principe recebido pelo senado, clero, nobreza e povo, aproximou-se do altar, beijou o santo lenho, cortejou o cabido, e foi caminhando a pé até a cathedral acompanhado do povo e sacerdotes, que entoavam psalmos em louvor a Deus pela chegada do soberano.

Ao entrar no templo principiou o *tedeum* e findo que foi, regressaram as pessoas reaes para o paço; e nesse largo, no lado oriental, viáo-se cinco ou seis mil luzes collocadas em um parapeito triumphal sustentado em arcos; no meio dos quaes apparecia o retrato do principe com o seguinte distico em redor, *religião, justiça, prudencia, fortaleza, magnaminidade.* Levantava-se de um lado a figura da America absorta, cahido o cocar de pennas, offertando ao principe ouro e diamantes e sahindo-lhe da boca estas

palavras — mais que tudo o coração — Do lado opposto a Asia e a Africa, personificadas pelo camello e o elephante, traziam ao principe dadivas, tributos e provas de vassalagem.

A parte superior do monumento representava o céo sereno symbolisando a felicidade e paz que a vinda do rei derramava na America, lendo-se alli as seguintes quadras do poeta nacional Manoel Ignacio da Silva Alvarenga:

Negras nuvens longe exhalem
Morte, estrago, horror, veneno,
E entre nós sempre sereno
Seja o céo, a terra, o mar.

Doce paz, candida astréa
Vinde honrar a idade d'ouro,
Pois é nosso este thezouro,
Que ninguem pode roubar

No alto da fachada ostentavam-se as armas reaes, e logo abaixo estavam esculpidos alguns versos de Virgilio.

Duraram nove noites as luminarias e as-

sim a musica em um coreto construido no largo.

No nono dia foi o principe á cathedral assistir a missa e *Te-Deum;* havia na igreja dous coretos, e houve de noite beija-mão.

O poeta Silva Alvarenga

Sabe-se que o mavioso poeta, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, nascido em 1749 em Villa Rica, hoje Ouro Preto, cursou os estudos preparatorios no Rio de Janeiro, e, se passando a Portugal, matriculou-se na universidade de Coimbra, onde recebeu o gráo de bacharel; mas acrescentaremos que o poeta voltou para a patria em 1777 no navio principe da Beira, commandado por Manoel Gonçalves Anjo, que, reservando para si as boas iguarias, deixava os passageiros com falta de mantimentos, e sujeitos á fome, o que inspirou a Manoel Ignacio o seguinte soneto:

Que importa que seguro e bem talhado
Aos fortes galeões causes inveja,
Ou que opponhas ao vento que forceja,
E ao bravo mar o rigido costado?

Se tu, principe magro e descorado
Em vão pedes ao cèo que te proteja,
Se um dia só não passa sem que seja
Por successos de fome assignalado!

O capitão c'os olhos na frasqueira
De noite os paios o presuntos come,
E os mais jejuam á semana inteira

Ou muda de capitão ou muda o nome,
Se não, em vez de principe da Beira,
Serás chamado o principe da fome.

Dirigio o poeta ao capitão do mesmo navio a seguinte decima:

Dizem que de anjo tem o nome
O capitão de um navio,
Que desde Lisboa ao Rio
Me trouxe sempre com fome;
De noite os presuntos come,
Deixa aos mais o bacalháo,
Obra bem como marão,
Tudo o mais é ser marmanjo,
Mas se tem o nome de anjo
Deve ser o anjo mão.

Relação dos preços das cousas que por commum assento, se vendiam em Minas Geraes em 1703.

Não havia nas Minas outra moeda mais que ouro em pó, e o menos que se pedia e dava por qualquer cousa erão oitavas. Nas estalagens estabelecidas nos lugares das minas erão estes os preços, segundo refere André João Antonil, na sua obra intitulada *Cultura e opulencia do Brazil*, impressa em Lisboa em 1711:

PREÇO DE COUSAS COMESTIVEIS

Por uma rez	80	oitavas
Por um boi	100	»
Por uma mão de cem espigas de milho	30	»
Por um alqueire de farinha de mandioca	40	»
Por seis bolos de farinha de milho	3	»
Por um paio	3	»
Por um presumto de oito libras	16	»
Por um pastel pequeno	1	»
Por uma libra de manteiga de vacca	2	»
Por uma galinha	3	»
Por seis arrateis de carne de vacca	1	»

Por um queijo da terra conforme o peso 3 a	4	oitavas
Por um queijo flamengo	16	»
Por um queijo do Alemtejo . . . . 3 ou	4	»
Por uma boceta de marmellada	3	»
Por um frasco de confeitos de quatro libras	16	»
Por uma caixa de assucar de uma arroba .	32	»
Por uma libra de cidrão	3	»
Por um barrilote de aguardente, carga de um escravo	100	»
Por um barrilote de vinho, carga de um escravo	200	»
Por um barrilote de azeite	2	libras
Por quatro oitavas de tabaco em pó com cheiro	1	»
Por seis oitavas de tabaco em pó sem cheiro	1	»
Por uma vara de tabaco em corda . . .	3	»

PREÇOS DE ROUPAS

Uma casaca de baeta ordinaria.	12	oitavas
Uma veste de seda.	4	»
Um par de meias de seda	8	»
Uns calções de seda	12	»

PREÇOS DE ESCRAVOS E CAVALGADURAS

Por um negro bem feito, valente e ladino. .	300	»
Por um molecão	250	»
Por um moleque	120	»
Por um crioulo bom official.	500	»
Por um mulato de partes ou official . . .	500	»
Por um bom trombeteiro.	500	»

Por uma mulata de partes . . . . . 600 oitavas
Por uma negra ladina cosinheira. . . . 350 »
Por um cavallo sendeiro . . . . . 100 »
Por um cavallo andador. . . . . 2 libras

A victima da amizade

A revolução republicana de 1817 em Pernambuco exasperou os animos dos partidarios do poder absoluto, que, para suffocal-a, praticaram violencias e atrocidades, condemnaram aos tormentos, ao supplicio muitos cidadaõs distinctos, lavraram sentenças ignominiosas, que levaram a consternação, a miseria, o luto ao lár domestico.

Transformados em algozes devassaram os agentes da autoridade os domicilios, corromperam as consciencias, aviltaram os animos, para obter delações falsas, e atopetaram de infelizes, julgados revolucionarios, ás prisões, os navios e ás fortalezas; ergueram patibulos, fuzilaram, trucidaram muitos cidadãos dessa terra gloriosa regada pelo sangue daquelles que combateram com Vidal de Negreiros, Felipe Camarão, Henrique Dias, Fernandes Vieira e outros.

Proclamara o conde dos Arcos que se

arrasasse e se passasse tudo á espada, se immediatamente não fossem instauradas as leis de *el-rei nosso senhor!*

Mandára o chefe Rodrigo Lobo, açoitar nas grades da cadeia os homens de côr, que entraram na revolução, quer os escravos quer os livres!

O desembargador do paço Bernardo Teixeira, presidente da alçada incumbida de julgar os revoltosos, incutira nos animos a idea, de que era obra meritoria perante Deus e o rei a destruição total dos cumplices e sectarios do partido republicano!

E estabeleceram estes homens e outros o governo do terror, confiscaram bens, permittiram latrocinios, diffamações, ultrajes á honra, ao pudor, e com excessos e crueldades abateram e assolaram a capitania de Pernambuco, e perseguiram os descendentes daquelles que haviam repellido os Hollandezes do Brazil.

Entre os que foram presos e lançados em carcere, sujeitos á fome e á sede, mezes e mezes, menciona-se Joaquim José do Rego Barros, coronel do regimento miliciano de infantaria da cidade do Natal do Rio Gran-

de do Norte, cavalleiro professo na ordem de Christo, e casado com D. Maria Angelica da Conceição e Vasconcellos.

Vivia esse cidadão na sua fazenda denominada Ferreiro Torto cinco leguas distante da capital da provincia, na margem do Rio Grande, quando accusado do crime da revolução, foi perseguido e preso.

Era Rego Barros estremecido por uma filha chamada D. Antonia Maria do Rego Barros.

Consagrára essa menina ao pai seu coração juvenil, e se via-o ausentar-se de casa sentava-se na porta da rua, e ahi quedava-se horas e horas até Rego Barros voltar; e então dava-se uma scena de afagos e carinhos; beijava o pai, radiante de alegria, á filha estremecida, abraçava-a, e entregava-lhe um mimo, uma fructa, um doce, uma flor, e a menina alegre, vivaz, corria, saltava, sorrindo e fallando com a garridice propria da idade.

Se perguntavam-lhe se amava sua mãi tanto como a seu pai, respondia ella ingenuamente.

— Não

— Porque, redarguiam-lhe.

— Por crêr que Nossa Senhora me aconselha que ame mais a meu pai, pois não o terei muito tempo commigo; e a menina ficava pensativa e triste, silenciosa e recolhida, como parece ficar triste a flor quando fecha as suas petalas.

Penetraria no peito dessa menina algum raio de luz que lhe esclarecesse o futuro; levantaria Deus a ponta do veo que encobre os acontecimentos, para que avistassem os olhos desse anjinho o que outros não viam, ou o intenso amor que ella dedicava ao pai trazia-lhe receio, susto em perdel-o?

Logo que Rego Barros foi descoberto e conduzido preso, sua filhinha que ainda não contava doze annos, desmaiou, e ao voltar em si estava tão abatida, e passada de dôr, que se não levantou mais do leito.

Pendera a florinha na haste fragil que a sustentava, e emmurchecida, sem côr, sem viço, e sem perfume e sem vida desfolhou-se e cahio.

Envão sua mãi e seu padrinho, o padre Antonio Caetano do Rego Barros, tentaram levar consolações a esse peito que desfal-

lecia; raras vezes aceitava a menina um caldo, e mais e mais enfraquecida e mergulhada em saudade e dôr, entregou vinte dias depois, sua alma aos anjinhos que carregaram-na para o céo ao som de canticos divinos de amor e de gloria.

Deu este triste episodio thema para um poema em um canto, intitulado a *Victima da Amisade* composto em 1820 pelo sacerdote João Baptista da Fonseca, natural de Pernambuco, o qual tambem soffreu os martyrios e horrores da vida do preso, por haver sido apontado como um dos revolucionarios de 1817.

Termina esse poema a seguinte estrophe :

Conceba, quem poder a magua, o pranto,
Que de Aonia as mansões tristes herdaram;
Que a minha debil voz não póde tanto
Bem que ancias taes no peito me calaram;
Veja no meu queixoso, e rude canto
Estragos que Amisade e Amor causaram;
A virtude de Aonia limite amavel,
Mas nunca o seu extremo lamentavel.

O Conego Januario

Hoje que tão renhida se ha tornado a luta entre a igreja e a maçonaria, e imminente parece ter de levantar-se graves contendas entre o poder ecclesiastico e civil, porque se alguns prelados defendem as bullas pontificias, pugna a nação pelos direitos constitucionaes e pela legislação civil, é bom que se saiba que o conego Januario da Cunha Barboza que em quanto viveu, foi venerado como sacerdote virtuoso e admirado pela sua intelligencia, legando á patria um nome que se ha perpetuado nos annaes das sociedades litterarias, era maçon, e dedicou aos mações o presente hymno.

Oh quanto é bom e jocundo
Vivermos em paz ligados!
Sejam pois noss s cuidados
Tender sempre á perfeição.

S.

De ajustadas peças nascem
Deste templo a formosura;
E assim nossa architectura
Deve nascer da união.

F.

Oh quanto etc.

A força que os vicios doma,
Só pela virtude existe;
Se é de muitos mais resiste,
E faz mais nobre a união.

U

Oh quanto etc.

Formando uma só familia
Nada somos divididos;
Uns por outros soccorridos,
Tornamos doce a união.

Oh quanto, etc.

Disciplina Militar

Houve no Rio de Janeiro no tempo de D. João VI, um general, appellidado o Grão de Bico, que ordenou se perfilasse e fizesse a devida continencia todo o soldado ao avistar qualquer official.

A esta ordem fez o major Pimenta o seguinte epigramma :

Mandou certo commandante
A um soldado noviço
Que fosse entregar depressa
Duas cartas de serviço.

Increpado o tal recruta
Porque tão tarde viera,
Para evitar a prisão,
Consta que assim respondera:

Em menos de um quarto d'hora
Fiz as duas diligencias,
E gastei o dia inteiro
Em fazer as continencias.

A Primeira sessão do Jury no Rio de Janeiro

Francisco Alberto Teixeira de Aragão foi nomeado intendente geral da policia da côrte e imperio do Brasil, em 14 de outubro de 1824.

Apparecendo uma carta impressa, distribuida com o *Diario Fluminense* de 25 de abril de 1825, assignada com as lettras iniciaes R.P.B., contendo factos criminosos e injurìas contra aquelle intendente geral da policia, requereu o offendido, em virtude da lei da liberdade de imprensa de 2 de outubro do 1823, mandada observar por decreto de 22 de novembro do mesmo anno, ao corregedor do crime da côrte e casa, a execução da artigo 11 da sobredita lei; e em virtude desse artigo reuniu-se o primeiro conselho de jurados no Rio de Janeiro, para julgar um crime de abuso da liberdade de imprensa.

Em 20 de junho de 1825 no edificio do senado da camara, achando-se presentes o conselheiro juiz de direito Antonio Garcez Pinto de Madureira, o desembargador promotor da justiça João José da Veiga, e o intendente geral da policia, como denunciante, extrahiram-se da urna as nove cedulas que continham os nomes dos juizes de facto para formar o primeiro conselho, e sahiram apurados o conego Januario da Cunha Barboza, Francisco José Fernandes Barboza, Francisco José da Rocha, capitão João Carneiro de Almeida, coronel Manoel Caetano Pinto, João Alvares Carneiro, desembargador João Gomes de Campos, conego Manoel Antonio Netto e Florencio Alves de Macedo.

Fez-se por edital a publicação destes nomes, e a convocação para se reunirem no dia 27 do mesmo mez.

Organisou-se no dia determinado o primeiro conselho dos juizes de facto acima declarados, havendo nas salas do edificio do senado da camara mais de duzentos expectadores.

Presidio a sessão o conselheiro Antonio Garcez Pinto de Madureira, corregedor do

crime da côrte e casa, servio de escrivão Joaquim José de Gouvea e de tachigraphos João Caetano de Almeida e seu companheiro Pedro Affonso de Carvalho.

Apresentou o intendente geral o plano da collocação dos lugares do juiz, jurados, accusador, accusado e povo no tribunal, declarando que merecera esse risco a approvação do imperador, e de feito appareceu em 2 de julho de 1825, a portaria approvando a planta destinada á sala da celebração do conselho dos jurados.

Usando da palavra expoz o intendente o objecto da accusação, destruindo-a com muitos documentos exhibidos em seu abono.

Receberam os jurados todos os papeis que o orador entregára na meza, e recolhidos á uma sala interior, ás 11 e meia horas, regressaram um quarto de hora depois, lendo o conego Januario o julgamento do tribunal que decidio haver criminalidade no impresso.

Lavrou o juiz a sentença de accusação, e em conformidade da lei elegeu-se o segundo conselho de jurados em 13 de julho; e como não comparecesse o accusado requereu

o accusador que se nomease á revelia do réo um advogado, que foi o Dr. Joaquim Gaspar de Almeida.

No dia 22 deu-se a segunda sessão do jury, e depois de lido o processo das allegações do intendente geral, e de produzida a defeza do advogado resumio o juiz os debates, formulou os quesitos, e voltando os jurados da sala secreta com a affirmativa do delicto, lavrou o juiz a sentença condemnando o reo a seis mezes de prisão, na quantia de quatro centos mil reis, na suppressão de todos os exemplares do impresso denunciado e nas custas

Francisco Alberto Teixeira de Aragão foi o primeiro cidadão que escreveu e publicou no Brasil uma obra sobre a instituição do jury, intitulada — A Instituição do Jury Criminal — e foi o primeiro que concorreu para a reunião desse tribunal no paiz.

O toque do recolher

Foi o intendente geral da policia, Francisco Alberto Teixeira de Aragão, quem formulou e assignou o edital de 3 de janeiro de 1825, ordenando o toque do sino que annuncia a hora do fechamento das portas a noite.

Em um dos artigos desse edital, publicado, ha quarenta e oito annos, le-se o seguinte:

« Depois das 10 horas da noite no verão, e das 9 no inverno até a alvorada, ninguem será isento de ser apalpado e corrido pelas patrulhas de policia, e ainda antes dessa hora, havendo suspeita, para assim se descobrir o uso de armas defezas ou instrumentos para abrir portas e roubar casas; e para que todos saibam serem dez horas da noite no verão e nove no inverno, o sino da igreja de S. Francisco de Paula e o do convento de S. Bento dobrarão pelo espaço de

meia hora sem interrupção, para não se allegar ignorancia. »

Em edital de 12 de abril do mesmo anno declarou o intendente geral que a hora para se abrirem as tabernas era a alvorada que se annuncia pelo tiro da peça.

Occupando o cargo de chefe de policia em 1840 o prestante cidadão Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara determinou que, quer no inverno quer no verão, annunciasse o sino ás dez horas o toque do recolher.

Eis porque o povo chama toque do Aragão, toque do Mattoso ao dobre do sino que annuncia de noite a hora, em que a cidade deve entrar em silencio.

Ha tambem em Andarahy um chafariz, que recorda ainda hoje o nome do intendente geral da policia Aragão, por ter sido este quem mandou construi-lo.

Soneto feito por D. Pedro I. á morte de sua esposa a primeira imperatriz do Brazil, D. Maria Leopoldina

Deus eterno porque me arrebataste
A minha muito amada imperatriz;
Tua divina vontade assim o quiz,
Sabe que o meu coração dilaceraste.

Tu, de certo, contra mim te iraste
Eu não sei o motivo, nem que fiz,
E por isso direi com o que diz
« Tu-m'a deste, senhor, tu-m'a tiraste.»

Ella me amava com o maior amor,
Eu n'ella admirava a sua honestidade.
Sinto meu coração por fim quebrar de dor.

O mundo nunca mais verá em outra idade
Um modelo tão perfeito, nem melhor,
D'honra, candura, bomnomia e caridade.

O primeiro Ministro accusado e processado no Brasil

Gravado ficou nas paginas da historia do Brasil o nome de José Clemente Pereira.

Teve subido alcance a adhesão por elle prestada á causa do Brasil, por que fez sympathisar por ella outros nascidos na Europa, dando valor e força ao partido da independencia nacional ; como presidente do senado da camara foi José Clemente o vulto proeminente do dia do *fico*, dia radiante e fatidico que annunciou a época do nascimento de um povo ; foi elle quem iniciou o systhema parlamentar no paiz, pedindo ao principe D. Pedro a convocação de uma assembléa geral das provincias do Brasil.

Dera o primeiro passo para a liberdade, e procurara com o segundo firmar as garantias sociaes.

Está seu nome escripto entre os de Ledo, Januario, Rocha, Nobrega, frei Sampaio, e José Bonifacio que com elle foram as co-

lumnas que ergueram o imperio americano.

Era juiz de fóra quando creou e planejou a villa real da Praia Grande, hoje cidade de Nictheroy; era intendente geral da policia quando, alem de outros serviços, alinhou as ruas da cidade nova, no Rio de Janeiro. Foi José Clemente autor de um projecto do codigo criminal que, refundido com outro de Bernardo Pereira de Vasconcellos, produzio a promulgação do codigo criminal que está em execução; foi obra sua o codigo commercial, e foi elle o primeiro que sentou-se na cadeira de presidente do tribunal do commercio; tres provincias elegeram-no deputado e outras tres senador; foi ministro em dous reinados, desembargador, conselheiro de estado, estadista notavel, parlamentar distincto e habil jurisconsulto; e teve as duas qualidades mais lidimas para elevar e engrandecer os homens, a actividade e a energia da vontade.

Como provedor da Santa Casa da Misericordia levanta-se seu vulto entre os dos apostolos da humanidade; construio um asylo para os orphãos desvalidos; lançou a primeira pedra do edificio para recolher os

engeitados; foi o primeiro que creou um cemiterio extramuros, tirando as sepulturas do centro da cidade, e foi seu braço a alavanca ingente que fez surgir dous palacios para abrigo e curativo dos doentes pobres e dos doudos, dos que soffrem e gemem, e dos que tem escurentada a razão e perdido o entendimento.

Em recompensa de tão caridosos serviços, mereceu, tres dias depois de sua morte, a honra que ainda não coube a outro homem no Brasil; mandou o imperador D. Pedro 2° erigir-lhe uma estatua de marmore á custa do seu bolsinho, defronte da sua, no Hospicio de D. Pedro 2°, e concedeu á viuva desse homem, do qual se não sabe o que se ha de admirar mais se a intelligencia, se o coração, o titulo de condessa da Piedade.

Essa corôa collocada na cabeça de uma mulher pelas virtudes de um morto, não foi só uma distincção honorifica, mas tambem uma glorificação; foi o primeiro diploma que assignaram os vivos sanccionando a immortalidade de José Clemente Pereira.

Mas na sua longa e brilhante carreira politica sorveu José Clemente o fel de muitos

dissabores, e mais de uma vez vieram feril-o as lanças aguçadas da inveja e da calumnia; foi preso e exilado, e na época violenta e fremente de 1831 foi, como ministro da guerra, accusado e processado.

Decretou a camara dos deputados a accusação em 9 de agosto de 1831, e nomeou uma commissão para apresenta-la ao senado.

Reunido o senado em sessão ordinaria em 9 de junho de 1832, como tribunal de justiça, achando-se presentes trinta e cinco senadores, depois de haver sido recebida a commissão da camara dos deputados encarregada da accusação do ex-ministro da guerra, José Clemente Pereira, e estando presente o proprio accusado, annunciou o presidente aberta a sessão, afim de se proceder ao julgamento do referido ex-ministro pelas culpas que eram-lhe arguidas no libello accusatorio, seguindo-se os termos da lei.

Declarou o deputado Antonio Pereira Rebouças, como relator da commissão da camara dos deputados, que não fazia recusa de nenhum dos senadores presentes. Não fez tambem o accusado recusação alguma.

oJsé Martiniano de Alencar tendo assignado como presidente da camara dos deputados o decreto da accusação, entrou em duvida se podia votar nella como juiz, porem resolveu o senado que não procedia a duvida, e podia votar.

Leu-se um officio do senador marquez de Barbacena, em que se dava por suspeito para ser juiz na presente accusação.

Havendo na sala trinta e sete senadores, pois haviam comparecido mais dois, leu-se o processo preparatorio, o libello accusatorio, e a contestação aos artigos do mesmo libello, que acabara de ser apresentada pelo accusado.

Encetado o debate verbal entre a commissão accusadora e o accusado tomou a palavra o deputado Rebouças, e fallou habilmente sustentando o caracter energico e independente que elle assumira na representação nacional.

Os objectos principaes da accusação eram: primeiro ter o accusado, como ministro da guerra, mandado recrutar sem lei que o autorisasse; segundo, contratar compra de

armamento e equipamento para o exercito sem tambem ter lei que o autorisasse.

Finda a accusação subio á tribuna José Clemente e provou que não exhorbitara das suas attribuições, e que faltava fundamento á accusação que lhe faziam; defendeu-se eloquentemente e com a firmeza e a tenacidade que a innocencia empresta aos perseguidos.

Depois de voltarem mais uma vez á discussão o accusador e o accusado, e não havendo mais que requerer e allegar sobre a elucidação do processo e verdade dos factos, lavrou-se o termo competente que foi assignado pela commissão e pelo accusado.

Retirados da sala os membros da commissão e o accusado, e ausentando-se por doente o senador Aguiar, declarou o presidente que, na forma da lei, ia proceder-se á sessão secreta.

A's tres e meia horas tornou-se de novo publica a sessão, e resumido o debate pelo presidente, indicou este as provas e fundamentos da accusação e defeza, formulou os quisitos e consultou ao senado que decidio

a favor do ex-ministro que foi unanimimente absolvido.

Era então presidente do senado Bento Barroso Pereira, 1° secretario conde de Valença, 2°, Luiz José de Oliveira, 3°, visconde de Congonhas do Campo, e 4° Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça.

Levantou-se a sessão ás quatro horas da tarde.

Nove annos depois sustentava de novo José Clemente sobre os hombros o peso da farda de ministro da guerra, e assignalados serviços prestava ao paiz abatendo a revolta de duas provincias, e deixando entre os ministros daquella repartição um nome que se ha perpetuado nos fastos da historia politica do Brasil.

Fallecimento de José Bonifacio

José Bonifacio de Andrade e Silva, tão homem de bem quanto notavel sabio e bom poeta, e que mais que todos, cooperou para incluir o Brazil no circulo das nações livres, expirou na rua do Ingá hoje de José Bonifacio, em Nictherohy, ás tres horas da tarde do dia cinco de abril de 1838, com pouco mais de 74 annos de idade, e no mesmo mez em que, sete annos antes, escolhera-o D. Pedro na hora da sua abdicação, para tutor dos principes brazileiros.

Começára a molestia por uma congestão cerebral, sobrevindo symptomas que levaram o doente do leito para o tumulo.

Os Doutores Octaviano, Meirelles, Christovão, Faivre e outros embalsamaram o cadaver, extrahindo os intestinos que foram enterrados na igreja de S. Domingos da mesma cidade; marcou-se o enterro para o dia seguinte, mas occorreram inconveni-

entes que fizeram-no transferir para ás seis horas da tarde do dia 8.

Produzio o passamento do venerando sabio profunda consternação no povo; a academia imperial de medicina, da qual era o finado membro honorario, tomou luto por quinze dias; a assembléa provincial do Rio de Janeiro por oito, e nomeou uma commissão para assistir ás exequias do notavel ministro da época da independencia do Brazil.

Muito antes de começar a cerimonia funebre atopetou-se de gente o largo do Paço, por dezejarem todos dizer o ultimo adeus áquelle que, dedicado á causa publica, nella tanto se avantajara na phase mais difficil e melindrosa da nação.

Ao cortar as aguas da bahia a galeota que conduzia o caixão murtuario os navios de guerra e mercantes, nacionaes estrangeiros, cruzaram as vergas e içaram as bandeiras a meio páu.

A's sete horas chegou o feretro á rampa do largo do Paço, onde vieram recebel-o os senadores marquez de Paranaguá, Luiz José de Oliveira, João Evangelista de Faria Lo-

bato, Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcante de Albuquerque e outros que conduziram-o até o meio do largo, onde substituiram-os os membros da academia imperial de medicina, os quaes, na porta da igreja da ordem terceira do Carmo, entregaram as argolas do caixão ao regente interino, aos ministros de estado e ao bispo de Anemuria que depuzeram-no na eça mortuaria.

Desde o caes até o templo estava estendida em alas a guarda nacional, por entre a qual caminhou difficilmente o caixão, que estava aberto, deixando ver o morto revestido da insignia de cavalleiro da ordem de Christo, unica condecoração que possuia.

Acompanharam o feretro a guarda nacional e a cavallaria de Minas, que tambem se apresentara uniformisada em linha.

Mandara o tutor do imperador collocar no caes criados de galão de ouro da casa imperial, um coche e uma carruagem de honra, e postar em alas a guarda de archeiros desde o atrio da igreja até a capella-mor.

Terminadas as encommendações rezadas pelos conegos da capella imperial, e dadas tres descargas de artilheria e mosqueteria, levaram os membros da academia de medicina o caixão para as catacumbas, recitando nessa occasião sentidos discursos os Drs. Silveira da Motta em nome da assembléa legislativa do Rio de Janeiro, João Manoel Pereira da Silva, Geraldo e De Simoni como orador de todas as sociedades scientificas, que contaram o finado entre seus socios.

Vestido de luto assistira o imperador de uma das janellas do paço ao desembarque e trajecto do corpo do seu primeiro tutor, que, em sessão da camara dos deputados de 1831, recusara os ordenados de tão alto cargo.

Terminaram as exequias depois das nove horas da noite.

Ficou o corpo de José Bonifacio depositado na igreja do Carmo, onde tivera jazigo a sua esposa, em 27 de julho de 1829, até que, por pedido de sua filha D. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrade, foi trasladado mezes depois, para o sepulcro da familia em Santos.

Logo depois do fallecimento daquelle preclaro varão, decretara a assembléa provincial de S. Paulo que a villa de Santos, lugar do seu nascimento, subisse á cathegoria de cidade, o que foi sanccionado pela carta de lei provincial de 26 de janeiro de 1839.

Aberta a sepultura na capella mor da igreja do Carmo, na cidade de Santos, depositou-se alli o corpo, e lá jazeu esquecido quasi de todos até que, offertando o artista Antonio Carlos Gomes, uma pedra para o tumulo do eminente paulista, ajustaram-na sobre o sepulcro em 23 de agosto de 1872.

Ha nesta pedra a seguinte inscripção.

AQUI JAZ
O PATRIARCHA DA INDEPENDENCIA
GRANDE E DESINTERESSADO PATRIOTA, DISTINCTO CIDADÃO
JOSE' BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA
TRIBUTO Á VERDADE, HONRA AO MERITO
pelo artista A. C. Gomes
Santos 7 de setembro de 18[illegible]9, 47 *annos.*

Naquelle mesmo anno devia de tributar-se homenagem mais subida á memoria de José Bonifacio inaugurando-se, em 7 de setembro de 1872, no largo de S. Francisco de Paula, na côrte, a sua estatua em bron-

ze, realisação da idea patriotica que surgio dias depois da morte do distincto brazileiro, como se vê no *Jornal do Commercio* de 18 de abril de 1838 que diz:

«Consta que se vai abrir uma subscripção na côrte, cujo producto será applicado a levantar uma estatua em honra de José Bonifacio».

Mede a estatua de altura doze palmos e descansa sobre um pedestal de igual dimensão amparado por quatro figuras symbolisando a poesia, a sciencia, a justiça e a integridade; executou-a em Paris o artista Rochet.

No dia da inauguração concedeu-se liberdade ao unico individuo escravo que trabalhara no embazamento da estatua, o qual é de granito e marmore, de cuja obra encarregou-se o artista nacional Francisco Joaquim Bithencourt da Silva.

Deve-se aos esforços do Instituto Historico a promptificação desse monumento levantado por subscripção popular, nomeando o Instituto uma commissão presidida pelo visconde do Bom Retiro, e tendo como secretario Joaquim Norberto de Souza Silva,

a qual muito se empenhou na execução e acabamento dessa obra de gratidão e honra nacional.

Depois de cercado de um lindo gradil foi entregue o monumento á camara municipal em 2 de dezembro de 1872.

Por decreto de 15 de outubro desse anno elevou o governo a 3:600$ annuaes, a contar do dia 7 de setembro do mesmo anno, a pensão de 2:400$ que percebia D. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrade, filha do conselheiro José Bonifacio, em attenção, reza o decreto, aos relevantes serviços prestados em singular patriotismo pelo mesmo conselheiro á causa da independencia e do imperio.

Louvores ao ministro que referendou esse decreto premiando os serviços, lembrando o proceder honrado d'aquelle varão justo que, tanto no cultivo das lettras e das sciencias, como nos altos feitos de sua longa vida publica, illustrou a patria.

Eleições

Correram agitadas e turbulentas as eleições na côrte no anno de 1872 ; em nome do patriotismo e das liberdades publicas commetteram-se fraudes, violencias e assassinios ; transformaram-se as igrejas em arena de lutadores e capoeiras ; vozerias, gritos, empurrões, exclamações extrondosas,disputas vehementes, manejos de cacete, faca e punhal, luta e sangue, tudo Christo presenciou em sua casa, no lar santo e bemdito que os homens lhe consagram. A entrada no templo tornou-se um perigo. Em vez do homem buscar a igreja como um asylo de paz, de socego, de meditação e lenitivo, afastou-se dalli por ser o theatro de contendas, ambições, traições, do pugilato e da morte.

Teve de corar e privar-se dos seus direitos civicos o cidadão sisudo, amante do seu paiz, zelador dos brios nacionaes, porque

para votar devia expor-se ao insulto, ao cacete, á faca, ao revolver e á morte.

Usurparam as regalias sociaes os *phosphoros* politicos e capoeiras, que no meio de uma vozeria infernal, de uma grita taroadora esbordoavam e esfaqueavam conclamando o patriotismo e a liberdade!

Terminados os desacatos e dilirios cantaram uns a victoria e outros lastimaram a derrota, e o povo!... continuou embrutecido, ignorante, sujeito ás mesmas necessidades, tendo assistido estupefacto a essas scenas representadas em nome da lei e do direito.

Provaram essas eleições quanto é inconveniente e nocivo o nosso systema eleitoral; patentearam mais uma vez a necessidade de reformar-se a lei que chama os cidadãos á urna, e que por esse processo eleitoral se arrasta o povo á corrupção, degrada-se o espirito publico, incute-se a desmoralisação ou a indifferença, o crime ou a ignorancia, o desacato ás cousas mais santas e puras, e perverte-se e avilta-se o paiz.

Mas não pensem os leitores que em tempos antigos houve mais moralidade, mais ordem nesses dias de cabalas e votos;

outr'ora como hoje, corromperam-se consciencias, houve dolo e traição, violentou-se o voto, alçaram-se cacetes, empunharam-se armas homicidas junto aos altares, e espadanou-se de sangue, em dias de eleições o pavimento das igrejas, onde oravam nossos paes comnosco, e onde nós levamos nossos filhos para orarem tambem.

São antigos os phariseos politicos, e elles todos hão tido por testemunha essa victima sagrada, grandiosa que ergueu em emblema de liberdade e amor o seu patibulo, em cuja presença os homens, em época eleitoral, mentem, illudem, mercadejam, insultam e matam.

Para provar que em tempos já idos, houve nas eleições os mesmos excessos e turbulencias de hoje, transcrevemos o presente soneto, composto ha mais de vinte annos, por Francisco Gomes de Campos depois barão de Campo Grande :

Quereis ver como dextros capoeiras
De faca e páu na esgrima esperimentados
Assaltam-se com silvos, uivos, brados,
Quereis na luta raivosas quitandeiras?

Quereis ver o que vae nestas cocheiras
Entre sottas, lacaios qu'esquentados
Disputam o primor dos mais ousados
Na pilhagem dos bolsos e carteiras?

Quereis saborear as discussões
Dos quarteis e das tavernas que na verdade
Liquidam as mais arduas questões?

Quereis emfim ver touros á vontade ?
Destinae um dos dias d'eleições,
E correi ás parochias da cidade.

São do mesmo autor estes sonetos :

Á CONCILIAÇÃO DOS PARTIDOS

Salve, patrio Brasil, em campo armado
Quaes cerradas phalanges aguerridas,
Promptos a dar por ti o sangue, as vidas,
Militam campeões conciliados

Alistados tu ves d'ambos os lados
Tuas capacidados mais subidas,
São heroes de virtudes conhecidas,
Que a prova tens nos frutos já logrados.

Não os move a ambição, não a avareza,
Nem já tens para farta-los demasia,
Nem mais de ti dependem na ventura,

Tem para a gloria, no auge da grandeza,
Ingrolando lições d'economia,
Psalmear-te um responso á sepultnra.

AO BRASIL

Desditoso Brasil, se a natureza
Formou-te vasto, rico, sublimado,
Irrevogavel lei, de averso fado,
Votou-te á sorte da mais vil baixeza.

Sob a cobiça avara portugueza
Tres seculos jazeste definhado,
Cobraste a liberdade, eis-te arrojado
Ao nivel da selvatica bruteza.

Teus proprios filhos, teus crues tyrannos,
Com supposto falaz patriotismo,
Devoram-te famintos sem piedade.

Soffrerás d'anarchia os fataes damnos,
Pois reinam sobre ti com o pedantismo,
Fraude, embuste, traição, rapacidade.

Francisco Gomes de Campos, barão do Campo Grande, homem probo e firme, juiz independente, integro e illustrado falleceu em 17 de janeiro de 1865 com setenta e sete annos de idade.

Historia de Enforcados

Figurava nos codigos de todos os povos, no principio deste seculo, a pena de morte; não se julgava satisfeita a justiça senão depois de derramar o sangue dos culpados; era o patibulo um instrumento e o carrasco considerado como um homem util, porque estrangulava ou decepava as cabeças dos criminosos em nome da lei, da justiça e da civilisação.

Não reflectindo que commettia um crime para vingar outro, cavava a sociedade o sepulcro do enforcado junto do tumulo da victima deste; collocava no braço do carrasco a espada da lei; chamava a forca symbolo da suprema justiça, e só se dizia vingada, em nome da religião e da lei, quando estrangulava um pescoço, decepava uma cabeça, extinguia uma vida.

A morte era uma punição, o carrasco um juiz, o patibulo um altar.

Cercado de juizes, frades e soldados era o padecente levado ao monumento da justiça chamado forca, e no acompanhamento funebre que seguia-o, via-se erguida a imagem do homem Deus, cujos labios só balbuciaram palavras que exprimiam caridade e perdão.

Profanação humana!

Mas uma força que ha crescido de dia para dia tem despedaçado os instrumentos medonhos das turturas, as traves, os triangulos, as argolas de ferro, as cadeias ensanguentadas dos patibulos; uma luz que ha dissipado as trevas, illuminado o mundo, e illustrado a humanidade, tem contribuido para o desapparecimento desse ponto negro que manchava os codigos das nações, a pena de morte; a liberdade com suas azas brancas abafou o abutre que despedaçava as victimas em nome da justiça, e riscou o carrasco do numero dos vingadores da lei.

Liberdade, luz sacrosanta da civilisação, pharol perenne do mundo, foste tu que fechaste os carceres da inquisição, que apagaste as fogueiras do santo officio, que

derreteste os grilhões do absolutismo, e demoliste as prisões.

A revolução franceza de 1789 destruio a Bastilha.

Em 1826 o gram-ducado de Finlandia abolio a pena de morte, e successivamente muitas nações imitaram o seu exemplo, merecendo o reconhecimento da humanidade; outras aboliram-na para os delictos politicos, e outras tão raras vezes a executão que se não está supprimida de direito, póde considerar-se proxima a suppressão legal.

Assim é entre nós; se do nosso codigo ainda se não apagou essa punição, se o jury ainda a sancciona e nella sentenceia os criminosos, oppõe-se o poder moderador á sua execução, commutando-a em galés perpetuas, ou em degredo para a ilha de Fernando de Noronha, e desse modo salva o paiz do opprobio e aviltamento de matar para punir.

E como se ha tornado raro o supplicio de enforcados, convem consignar na historia o modo porque se executava entre nós essa pena da lei.

Estamos em 1837, e em uma das praças

da leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levanta-se a forca para dois condemnados a pena de morte; antes porem de esboçar essa scena horrivel e tetrica, côr de sangue e das trevas, ouçamos a narração do crime que arrastou até alli os sentenciados.

Sahira do porto desta cidade em 4 de agosto de 1833, com destino a S. Matheus, o patacho D. Clara, levando a seu bordo o proprietario Luiz Botelho de Sampaio, e a seguinte tripolação: mestre Manoel Rodrigues dos Santos, contra-mestre Francisco José Gomes, os marinheiros Joaquim Gonçalves, Manoel José da Silva, Manoel Joaquim da Guia, José dos Santos e Antonio Martins; como passageiros Antonio Arnaldo de Araujo Costa, o padre Francisco Alves Tourinho, vigario de Caravellas, o preto livre Daniel Franco, cosinheiro, Francisco e Gonçalo escravos do proprietario do navio, outro escravo de Arnaldo, e um indio famulo do referido proprietario.

Na altura da cidade de Campos, em 23 de agosto, insurgiram-se os marinheiros, e resolutos a apoderarem-se do que se achava a

bordo, avançaram contra o proprietario e mataram-no atrozmente, assim como ao mestre do patacho, o qual se achava de quarto, e ao passageiro Arnaldo que arremessaram ao mar ainda moribundo.

Tentou o contra-mestre que estava no porão, subir ao convez para resistir aos assassinos, mas atiraram-lhe os sicarios uma facada ás costas, impelliram-no e tambem aos escravos para o porão, e apossaram-se do navio.

Presenciava do seu beliche essa scena de sangue o padre Tourinho ; transido de horror e medo, ajoelhou-se e encommendou sua alma a Deus, pois proximo de si via os sceleraclos que deviam de immola-lo, como haviam praticado com aquelles tres infelizes. De feito aproximaram-se os malvados, alçaram as armas homicidas e iam desfechar o golpe, quando um d'entre elles o Manoel Joaquim, deteve-lhes o braço, bradando.

— Alto lá! aqui se não mata mais ninguem.

Continuou o padre a orar com o animo sobresaltado, tendo cada hora como a ultima da sua vida, e o menor arruido que ou-

via como o principio do sacrificio do qual devia de ser elle a victima.

Sujeitaram os assassinos á sua obediencia os escravos, congraçaram-se com o contramestre, pensaram-lhe os ferimentos, e confiaram-lhe o commando do navio.

Rasgaram e queimaram os papeis encontrados á bordo, saquearam as bagagens dos assassinados, e assenhorearam-se do dinheiro, da roupa e de todos os objectos valiosos; desembarcaram o padre e os escravos na ilha do Francez, onde abrigaram-se esses infelizes em uma choupana na noite do dia 25 e no dia 26, em que, soccorridos por uma canoa de pescaria, chegaram ao destacamento de Maramotá, e dahi buscaram a cidade de Cabo Frio.

Pensaram os sicarios em dirigir o patacho para a Patagonia, mas despresado esse intento, se passaram para a lancha, metteram o navio a pique, e foram alguns desembarcar na ilha de Santa Anna e outros na Capitania e barra de Gargabú

Deligenciou o juiz de paz de S. João da Barra a prisão dos marinheiros Antonio Martins e João Pedro, que declararão haver recibido

o primeiro desoito patacões e alguma roupa, e o segundo cincoenta e quatro patacões, cincoenta mil reis em notas e tambem alguma roupa.

Em Campos foi preso Manoel José da Silva, que confessou estar arrependido de não ter assassinado o padre, pois acreditava ser elle o revelador de tudo que occorrera no navio.

Foi seguro em S. João da Barra o contramestre Francisco José Gomes, que denunciou, como fizera o Antonio Martins, haver recibido o commandante do patacho duas facadas de Manoel Joaquim, e com uma machadada Joaquim Gonçalves o acabara de matar, e que o indio Manoel havia sido o assassino do passageiro Arnaldo.

Chegado a Cabo Frio entregou o vigario Tourinho os escravos dos individuos assassinados a bordo, e tomando passagem em uma lancha buscou o porto da cidade da Victoria, correu ao palacio da presidencia e relatou circunstanciadamente os factos horriveis, que presenciara no patacho *D. Clara*, e terminou por pedir a vigilancia do governo na perseguição dos ousados criminosos.

Antes de chegar o padre Tourinho á cidade

da Victoria, desembarcarão alli Manoel Joaquim da Guia e Joaquim Gonçalves que começaram a malbaratar o dinheiro roubado a bordo, e por se tornarem suspeitos forão chamados a palacio, mas trataram os reos de fugir; habilitou-se Joaquim Gonçalves no juizo de paz como official da sumaca *União*, reduzio o cobre que possuia a uma letra de 575$000 rs, e alcançou passaporte para Pernambuco.

E no mesmo dia em que entrava na barra da cidade da Victoria o padre Tourinho, que vinha implorar justiça contra os réos da carnificina praticada no patacho *D. Clara*, sahia para Pernambuco a sumaca *União* levando a seu bordo um dos autores desse drama sanguinolento; mas attendendo ás revelações do padre, officiou o presidente da provincia do Espirito-Santo ao de Pernambuco noticiando-lhe a partida para esse porto do criminoso Joaquim Gonçalves; de feito, logo que tocou na cidade do Recife, foi o réo mettido em custodia.

O indio Manoel Joaquim foi aprisionado na cidade da Victoria, encontrando-se em seu poder alguma roupa e objectos de prata

pertencentes ás victimas do patacho e 512$ em cobre.

Vieram os criminosos presos em um hiate de S. João da Barra para esta côrte, onde tambem chegou de Pernambuco o assassino Joaquim Gonçalves que, levado á presença da autoridade, negou haver embarcado no patacho *D. Clara*, ter passado pela cidade da Victoria, e outros factos que lhe foram perguntados; mas comparecendo á audiencia do juiz de paz do primeiro districto da freguezia de S. José o contra-mestre Francisco José Gomes, acareou-o o juiz com o réo presente, e affirmou José Gomes ter sido Joaquim Gonçalves um dos autores do crime do patacho, e que nessa occasião se gabara ser essa a terceira morte perpetrada por elle, mas que bradava-lhe a consciencia, que por esse delicto cahiria sobre elle o castigo da lei.

Foram recolhidos á prisão do Aljube nesta côrte os réos Joaquim Gonçalves, Manoel José da Silva, Antonio Martins, João José pronunciado com o nome de Manoel Joaquim da Guia e Francisco José Gomes, havendo

perecido o réo João Pedro ou José dos Santos.

Apresentados ao jury na sessão do mez de junho de 1835 foram sentenciados á pena ultima Joaquim Gonçalves, Manoel José da Silva e Manoel Joaquim da Guia, ficando seus bens responsaveis á indemnisação e multa de vinte por cento do valor roubado e custas; e os réos Francisco José Gomes e Antonio Martins a treze annos e quatro mezes de prisão e a multa de tres e um terço por cento do valor roubado e custas.

Appellaram os condemnados para o jury da cidade de Nictheroy, o qual confirmou a sentença, mas elevou a prisão de Antonio Martins a vinte annos de galés.

Recorreram os réos á relação que considerou improcedente o recurso interposto, e tambem lhes foi negada a petição de revista.

Em 6 de dezembro de 1836 pereceu na cadeia do Aljube o sentenciado Manoel José da Silva.

Ás dez horas da manhã do dia 7 de março de 1837 abriram-se as portas do oratorio da prisão, no qual Joaquim Gonçalves e Manoel Joaquim estiveram encerrados vinte e qua-

tro horas em companhia de alguns frades de Santo Antonio.

Pállidos, magros e abatidos apresentaram-se os sentenciados com calças e camisas brancas, tendo algemados os pulsos.

Entraram no oratorio os irmãos da santa casa da Misericordia, e lançaram ao pescoço dos padecentes um colar de ferro, pelo qual girava uma corrente tambem de ferro suspensa de cada lado por dous religiosos franciscanos; approximaram-se os carrascos, e collocados por traz dos infelizes, ataram-lhes ao pescoço as cordas que deviam de estrangulal-os, suspendendo elles as extremidades.

Recebendo dous pequenos crucifixos beijaram-nos os religiosos, levaram-nos aos labios dos réos, e collocaram cada um na mão esquerda de cada uma das victimas.

Olhares amortecidos e piedosos lançaram os condemnados na imagem de Christo, e Manoel Joaquim tocou-a amiudadas vezes com os labios.

Sahiu do recinto do carcere o prestito acompanhando os padecentes, que ao transporem as portas da cadeia, beberam algumas

gottas de vinho, como era uso; encaminharam-se para a igreja de Santa Rita, e estacaram á porta, d'onde ouviram missa até á consagração da ostia.

Continuou o funebre cortejo a sua marcha, seguiu pela rua dos Pescadores, hoje do visconde de Inhaúma, até a rua da Quitanda, dobrou pela rua de S. José, chegou a da Misericordia, e foi parar no largo de Moura onde erguia-se o patibulo.

As ruas do transito dos padecentes e o lugar do supplicio regurgitavam de povo, e nos semblantes de todos manifestava-se o recolhimento, percebia-se o panico que despertava essa scena de horror e agonia; a multidão estava triste, silenciosa, commovida e horrorisada por assistir a este espectaculo de morte. Só vinham quebrar o silencio profundo dos espectadores o cantico funebre dos sacerdotes, a voz pausada do escrivão das execuções que, de espaço a espaço, lia o texto da sentença, e o echo de algum sino que dobrava a finados.

Antes de penetrarem os réos no circulo formado pelos soldados em redor da forca, leu

o escrivão das execuções pela ultima vez o seguinte pregão :

« Justiça que manda fazer o regente em nome do imperador o Sr. D. Pedro II aos réos Joaquim Gonçalves e Manoel Joaquim da Guia, marinheiros do patacho *D. Clara*, por haverem morto atrozmente e roubado a Luiz Botelho de Sampaio e outros, proprietario, mestre e passageiro do mesmo patacho, na viagem que fazia d'esta côrte para a villa de S. Matheus, condemnados a pena ultima por sentença do jury d'esta côrte e da cidade de Nictheroy, que é do theor seguinte :

« A vista da decisão do jury julgo os réos Joaquim Gonçalves e Manoel Joaquim da Guia incursos no artigo 271 do codigo criminal, e por isso os condemno a morte e a multa de vinte por cento do valor roubado, em cujas sentenças a relação d'esta côrte e o supremo tribunal de justiça não acharam nullidade. »

Joaquim Gonçalves que na vespera recusara as consolações dos sacerdotes repetindo: — Deixem-me, vão trabalhar — ; que ostentara altivez e coragem de animo, mostrava-se então succumbido, tremiam-lhe o

musculos, e parecia haver o sangue refluido todo ao coração; tal era a pallidez que cobria-lhe o rosto e as mãos. Vendaram-lhe os olhos, tremulo subio os degraos do patibulo, e depois de haver repetido com o frade franciscano o credo, passou-se para as mãos do algoz, que sentou-o no madeiro horisontal da forca, atou alli as extremidade da corda, que o sentenciado trazia ao pescoço, e pegando-lhe das pernas, precipitou-o de cabeça para baixo.

Nesse lugubre momento, repercutio na multidão um grito de surpreza; a corda havia arrebentado, e a bandeira da Misericordia acabava de cobrir o corpo do padecente.

Exaltado, expansivo de jubilo, exclamou o povo: — Misericordia! Misericordia! está salvo.

Succedeu a esta exclamação grande tumulto, arrojaram-se alguns irmãos da Misericordia ao padecente para soccorre-lo, mas esforçaram-se os soldados em afastalos; travou-se a luta; a irmandade da Misericordia, reclamava a absolvição do reo, a justiça oppunha-se; o povo alvorotado começou a correr, e no meio do turbilhão de gente que

fugia, muitos foram atropelados, outros derribados ao chão, calcados aos pés, estes arremessados ao mar e aquelles contusos e feridos.

Os irmãos das almas que, armados de bacia e vara, pediam esmolas para missas pelas almas dos enforcados, ficaram com as opas despedaçadas e perderam o dinheiro obtido na collecta; as velhas de mantilha tiveram as vestes rasgadas, ficaram sem os altos pentes que trazião á cabeça, sem os sapatos, e muitas envolvidas no torvelhinho do povo foram impellidas pela onda popular a lugares mui arredados da scena do tumulto.

Desde longa data o povo considerava livre da pena da lei o sentenciado que, ao cahir vivo da forca, cobria-o a bandeira da Misericordia. Essa bandeira era o santelmo da salvação, a tunica do perdão, o labaro santo que ridimia o culpado; e tendo-se dado esse incidente, vendo-se desfraldado sobre o criminoso o estandarte da Misericordia, reclamavam os irmaõs da santa casa e o povo o perdão do culpado; mas resistiram os soldados, e deu-se a scena confusa e tumultuosa que descrevemos.

Ficou a bandeira da Misericordia amorfanhada, e ainda hoje comserva os rombos que lhe fizeram nesse dia de luta e sangue.

Acalmada a grita popular ordenou o juiz que subisse de novo o reo ao patibulo, acompanhou-o o carrasco; chegado ao alto da forca arrancou Joaquim Gonçalves o lenço que tapava-lhe os olhos, relanceou um ultimo olhar sobre a multidão e corridos instantes era cadaver.

E vem de molde lembrar aqui que succedeu a Joaquim Gonçalves o que elle tanto receava.

Referira na prisão a historia de um justiçado do qual a corda se arrebentara tres vezes, e aflicto e temeroso se mostrara o misero na supposição de igual sorte lhe caber.

Tambem na Inglaterra no seculo decimo setimo, aconteceu mandar Kirke pendurar e despendurar tres vezes successivas o mesmo homem, e depois dizia esse perseguidor dos republicanos :— Enforquei-o tres vezes.

Durante a execução de Joaquim Gonçalves se conservara seu companheiro Manoel Joaquim da Guia, voltado contra o patibulo; presenciara tudo que occorrera, ouvira o cla-

mor popular, chegara a seus ouvidos os gritos de maldição e as vozes de soccorro; e apezar da sensação profunda que na alma lhe deviam de imprimir as scenas tumultuosas e horriveis representadas na praça publica, galgou com promptidão os degraos da forca, pedio confissão, e findo esse acto, apoderou-se delle o carrasco, e matou-o em nome da lei.

Satisfeita a justiça humana pronunciou frei Joaquim de Santa Catharina Sena uma pratica que terminou nestas palavras:

« Brasileiros, homens de todos os paizes e de todas as idades, que vos reunistes para testemunhar uma scena tão terrivel, não são lagrimas estereis que eu hoje venho reclamar de vós. É inutil offerecer o contraste do crime e da virtude; não é a primeira vez que se tem dado no meio de vós estas lições de severidade; nossos pais viram estas execuções terriveis que nossos olhos hoje testemunham. Muitos vos disseram que uma punição bem que tardia não deixa de seguir o culpado; hoje eu vos fallarei outra linguagem, hoje bradarei nos vossos ouvidos — Brasileiros respeitai a religião.

« Se os seus deveres sagrados não fossem

infringidos a sociedade não seria manchada com tantos crimes. Amai a religião; se ella fôra apreciada como convem, as sociedades so offereceriam quadros de paz, de beneficencia e generosidade..

« Diante de um patibulo infame, a vista dos cadaveres dos justiçados esta linguagem nos basta, esta grande verdade se manifesta com toda a sua pompa e toda a sua magnificencia. Disse. »

Retiraram-se os juizes, os frades, os soldados, os algozes, dispersou-se o povo, a deusa Themis abeberada de sangue deixou cahir a espada apontando para os cadaveres dos enforcados, que corridos instantes, foram levados, no esquife da Misericordia, ao amphitheatro de anatomia para extrahir-se delles o oleo humano, mui preconisado naquelles tempos contra diversos achaques e malleficios do genio das trevas,

Depois desta ultima profanação foram os restos mortaes daquelles desgraçados lançados na valla do cemiterio, que só dous annos mais tarde o zelo de um homem, pai dos infelizes, José Clemente Pereira, removeu da praia de Santa Luzia para a Ponta do Cajú,

afastando da cidade, e da visinhança do hospital as covas dos defuntos.

Cinco dias depois da execução da pena de morte dos reos Joaquim Gonçalves e Manoel Joaquim da Guia expedio o governo ao procurador da santa casa da Misericordia, João Jacques da Silva Lisboa, o seguinte aviso:

« Tendo o governo imperial recebido communicação do juiz municipal de que, por occasião de ser executado no dia sete deste mez, a pena capital imposta aos reos Manoel Joaquim da Guia e Joaquim Gonçalves, pretenderam alguns dos irmãos da santa casa da Misericordia obstar a que o segundo reo soffresse a execução da sentença por ter cahido vivo, em consequencia de haver arrebentado a corda, a ponto de espancarem os algozes no momento de quererem renovar a execução, e havendo o regente, em nome do imperador o sr. D. Pedro II, ordenado nesta data ao referido juiz municipal que remettesse uma exposição circunstanciada do facto ao juiz de paz respectivo, para que este procedesse como fosse de lei, pela resistencia feita á justiça, manda outrosim declarar a

vossa mercê, para sua intelligencia e execução, que visto ter a irmandade da santa casa da Misericordia exhorbitado das suas obrigações, que apenas se limitão a prestar os soccorros precisos aos padecentes, e dado lugar aos escandalos que podiam ser de graves consequencias, fica d'ora em diante privada de penetrar no quadrado que se forma em frente ao patibulo, aonde entrarão somente os juizes executores, os empregados da justiça, os algozes e padecentes — Paço em 12 de março de 1837. Gustavo Adolfo de Aguillar Pantoja.

Officiou o provedor da Misericordia ao mordomo da capella, Joaquim Lopes da Silva Vianna Couto, para que lhe informasse qual o procedimento dos irmãos da santa casa da Misericordia no dia 7 de março, no acto da execução dos enforcados; e em officio do dia 18 respondeu o respectivo mordomo, não terem os irmãos da Misericordia abusado, nem se opposto á justiça, e que correra alterada e desfigurada a noticia dos factos havidos no enforcamento dos reos. Certo é que desde então não viram mais os padecentes no prestito funebre, que os le-

vava ao patibulo, os irmãos da Misericordia, nem avistaram mais esse estandarte misericordioso, que para elles era o fanal da esperança e do perdão.

Pessoas da familia de Bragança fallecidas no Rio de Janeiro

Pereceu em 26 de maio de 1812, contando vinte e cinco annos de idade, o infante de Hespanha D. Pedro Carlos, almirante general das forças navaes dos reinos de Portugal, Brazil e Algarves, casado com a princeza da Beira D. Maria Thereza.

Achão-se encerrados seus ossos em um tumulo de marmore collocado na capella de Nossa Senhora da Conceição, no convento dos Franciscanos desta côrte.

Falleceu em 16 de maio de 1813, na idade de pouco mais de 76 annos, a infanta D. Marianna tia do rei D. João VI, e foi depositado o cadaver no coro inferior da igreja das religiosas de N. Senhora da Ajuda.

Falleceu a rainha D. Maria I em 19 de março de 1816, com 81 annos de idade, e depositou-se o cadaver no mesmo lugar em que jazia o de sua irmã a infanta D. Marianna.

Em 25 de abril de 1821 foram os despojos mortaes da rainha e da infanta remettidos para bordo, por ordem do rei D. João VI, que conduziu-os comsigo para Portugal.

Morreu em 4 de fevereiro de 1822, na idade de onze mezes, o principe da Beira D. João Carlos, filho primogenito de D. Pedro I, e está depositado o cadaver na capella do *Ecce Homo*, no claustro do convento dos Franciscanos desta côrte..

A imperatriz D. Maria Leopoldina Josefa Carolina, archiduqueza d'Austria, mãi do imperador D. Pedro II, morreu em 11 de dezembro de 1826, com vinte e nove annos de idade, e teve jasigo no coro inferior da igreja das religiosas da Senhora da Ajuda.

Falleceu em 16 de janeiro de 1833, tendo vivido nove annos e onze mezes, a princeza D. Paula Marianna, filha de D. Pedro I, e sepultou-se no mesmo lugar em que teve jasigo a sua mãi.

Expirou em 11 de julho de 1847 o principe imperial D. Affonso, filho primogenito do imperador D. Pedro II o qual nascera em 23 de fevereiro de 1845.

Expirou em 10 de janeiro de 1850 o prin-

cipe imperial D. Pedro Affonso, filho do mesmo monarcha, nascido em 19 de julho de 1848.

Estão os tumulos destes dous principes na capella do Ecce Homo, no claustro do convento de Santo Antonio desta cidade.

Um macrobio

No dia 21 de abril de 1792 via-se na praça de S. Domingos, nesta cidade, levantado um alto patibulo para o qual se subia por mais de vinte degráos.

Ás onze horas da manhã daquelle dia sahio da prisão, onde é hoje a camara dos deputados, o infeliz Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, alferes de cavallaria [1], revestido de alva e capuz, para soffrer a morte na forca, devendo a sua cabeça ser levada á Villa Rica e collocada n'um poste alto, no lugar mais publico da villa, e os quartos ser da mesma maneira expostos nos sitios, onde haviam os conspiradores celebrado as principaes reuniões.

No dia da execução apresentou-se, em

[1] Tiradentes havia sido preso em 10 de maio de 1789, tendo sido encontrado em uma casa desta corte, da rua dos Latoeiros, hoje de Gonçalves Dias, na qual residia Domingos Fernandes da Cruz.

grande uniforme toda a tropa que existia na cidade, assumindo o commando della o brigadeiro Pedro Alvares de Andrade.

Ia na frente do prestito um esquadrão de cavallaria, seguiam-se o clero, a irmandade da santa casa da Misericordia e os religiosos de Santo Antonio, entre os quaes apparecia o condemnado; marchava logo após uma escolta commandada pelo alferes Antonio Dias Barbosa Ferreira, e após esta os desembargadores, juizes, ouvidor, meirinhos e o carrasco.

Via-se no couce da comitiva um carro puchado por doze galés escoltados, no qual se devia collocar a cabeça e o corpo em postas do enforcado.

Ao chegar á porta da igreja da Lampadosa o martyr ajoelhou-se e adorou a eucharistia; no patibulo prolongaram-lhe o supplicio, e logo que o corpo do misero tombou exanime no espaço, dirigio um dos religiosos uma pratica ao povo servindo-lhe de thema estas palavras « Nem por pensamento falles mal de teu rei, porque as proprias aves do ceo levarão a tua voz. »

Ordenou o senado da camara houvessem

luminarias por tres noites, e se cantassem missa e *Te-Deum* em acção de graças por não ter a povoação do Rio de Janeiro sido envolvida na revolução do Tiradentes !

De feito illuminou-se a cidade, houve missa pontifical dita pelo bispo diocesano na igreja da ordem terceira do Carmo, e assistiram ao te-deum á tarde, o prelado, o vice-rei conde de Resende e sua esposa, o senado da camara, magistrados, clero, nobresa e povo !

E a cabeça do martyr ?

Exhibida n'um poste, em Villa Rica, era o marco glorioso que parecia indicar aos brazileiros o lugar do Ipyranga, onde trinta annos depois, deviam erguer o grito da liberdade e independencia da patria.

O alferes Antonio Dias Barboza Ferreira, que commandou a escolta, que conduzio ao patibulo o alferes Joaquim José da Silva Xavier, viveu até 21 de fevereiro de 1863.

Havia sido um dos primeiros professores regios de latim, se reformara em capitão, e vindo para a côrte teve, nos ultimos annos da sua longa existencia, a protecção do imperador D. Pedro II, que ordenou se fizesse

á custa do seu bolsinho o enterro do finado.

Contava Antonio Dias Barbosa Ferreira, quando falleceu, cento e quinze annos de idade!

Morte de Gonçalves Dias

Antonio Gonçalves Dias, o mais distincto poeta lyrico do Brasil, verdadeira gloria nacional, falleceu em 3 de novembro de 1864.

Sintindo-se gravemente doente na Europa, resolveu buscar os ares patrios, que se tinham dado flamma divina á sua imaginação de poeta, diviam tambem restabelecer-lhe as forças do organismo; alem disso acreditava o inspirado poeta que uma longa viagem por mar far-lhe-ia bem, e assim embarcou no Havre, no dia 14 de setembro de 1864, no navio de vela *Ville de Boulogne*.

Apezar de abatido e afflicto de dores occupou-se em escrever durante os primeiros dias da viagem, que durou quarenta e nove dias; mas as forças foram-lhe pouco e pouco abandonando, e o alento da vida se apagando nesse organisno que era um prodigio de imaginação e de poesia; por fim o poeta já

se não levantava do leito, e com difficuldade sustinha a penna entre os dedos endurecidos e frios, como se delles já se houvesse afastado a vida.

Estava o navio nos baixos dos Atins, perto da cidade de S. Luiz do Maranhão, quando na madrugda do dia 3 de novembro, houve um naufragio, a barca *Ville de Boulogne* sossobrou proximo ao pharol de Itacolomim, e no momento em que bateu e deu signaes de submergir-se, consta acudira o piloto á camara do poeta, e encontrando-o morto tratara de salvar-se e mais o resto da tripulação, que chegou em uma chalupa ás costas de Guimarães.

Assim morreu o poeta no isolamento e abandono, pensando no chão da patria que se aproximava e onde vinha asylar-se; na terra que tanto engrandecera e onde desejava repousar; morreu só, vindo talvez abafar seus ultimos gemidos o embate das ondas, que ao submergirem o navio constituiram pelo marulho das aguas, como que um hymno funebre, que a patria dedicava ao grande homem que se finava alli.

Foram inuteis as pesquizas para desco-

brir-se o cadaver do mavioso poeta; o presidente da provincia offereceu o premio de trezentos mil réis a quem o apresentasse, e os amigos do vate prometteram para o mesmo fim um conto de réis, mas não se descobrio esse corpo que devia ter por sepultura a vastidão do mar.

A provincia do Maranhão que se ufana de ter visto nascer em seu solo, em 2 de agosto de 1824, esse vate popular, e todo o Brasil, ou antes todos que conhecem e fallão a lingua de Camões, prantearam a morte de Gonçalves Dias, o immortal autor dos Tymbiras, dos Primeiros, dos Segundos e dos Ultimos Cantos, e de outras obras que enriquecem as lettras patrias e hão de perpetuar o nome do portentoso poeta.

Já em julho de 1862 se espalhara a noticia da morte de Gonçalves Dias em um naufragio, e então teve elle a dita, como Carlos V, de assistir ás suas proprias exequias, de ler a sua necrologia, e de viver na posteridade estando ainda vivo.

Parece que o poeta presentia que no mar estaria o seu tumulo, pois em 6 de setem-

bro de 1864, escreveu a um amigo o seguinte:

« Amigo A. Henriques.— Persuadido de que uma longa viagem por mar me ha de ser de algum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre.

« Dizem-me que ha um navio a sahir no dia 10 do corrente; se ha vou nelle. Em principios de outubro devo lá estar, se não ficar no mar. . . . . .

. . . . . .

« No caso de alguma catastrophe, *quod absit*, os retratos ficam para a bibliotheca. Os M S (copias) manda-os para o Instituto. »

No seu canto *Adeus aos meus amigos do Maranhão* disse o poeta.

> Tal parte o desterrado; um dia as vagas
> Hão de seus restos regeitar na praia,
> D'onde tão novo se partira e onde
> Procura a cinza fria achar jazigo.

Alem dos volumes de poesia deixou Antonio Gonçalves Dias outros trabalhos que recommendão seu nome aos tempos vindouros, dramas, memorias historicas, e um diccionario da lingua tupy chamada lingua geral

dos indigenas do Brasil, e outras obras de grande tomo, que emprehendeu e começou, mas que as molestias e sua morte nefasta interromperam.

Tendo chegado ao Rio de Janeiro a noticia do prematuro fallecimento do notavel poeta brasileiro propoz a camara municipal, em sessão de 9 de fevereiro de 1865, que seu nome ficasse gravado em uma das principaes ruas da cidade, e então a rua dos Latoeiros, onde o poeta residira e alli escrevera o seu poema Tymbiras, recebeu o nome de Gonçalves Dias; e logo o povo abraçou essa mudança, porque já na mente trazia decorado o nome do conhecido vate.

No Instituto Historico do qual era Gonçalves Dias um dos mais distinctos membros, propoz o poeta Joaquim Norberto de Souza Silva que se inaugurasse na sala das sessões o busto do immortal cantor brasileiro, e na cidade de S. Luiz do Maranhão se vai erigir, na praça dos Remedios, em 3 de novembro de 1873, a estatua desse poeta que com seus livros já havia erguido um monumento á si e á patria.

Abertura do Amazonas

O dia 7 de setembro em que o principe D. Pedro com as palavras independencia ou morte incluio, ha pouco mais de meio seculo, o Brasil no mappa das nações livres, foi festejado em 1867, em uma das provincias deste vasto imperio, com um acontecimento grandioso e civilisador.

Extenso, dotado de florestas infinitas, de variados e ricos productos naturaes, de bahias, enseadas e rios simulando mares, só necessita o Brasil para engrandecer-se de patentear ao mundo as riquezas acomuladas em seu solo, e abrir estradas, correr em seu territorio trilhos de ferro, levar o sibillo da locomotiva aos lugares mais reconditos e remotos, e deixar o vapor singrar as aguas de todos os seus rios; basta para tornar-se admirado e conhecido revelar ao mundo os thesouros que guarda em seu seio, as minas, as madeiras, os productos, os rios, a

uberdade do solo, a belleza do céo, e a natureza florescente e esplendida que Deus reservou para esta porção da terra.

O Amazonas, mar nascido entre as florestas, canal profundo e immenso aberto pela mão divina para communicar muitas povoações e levar productos a muitos povos, não devia de jazer muito tempo fechado ao commercio das nações; tão extensa arteria preparada pela Providencia para alimentar o commercio, a navegação e a riqueza não devia de ficar muito tempo occulta e interdicta. As aguas desse rio, que lançadas no occeano tão longe levam a sua correnteza, indicavam aos navios uma estrada larga e extensa, margeada de variados e preciosos productos; e facilitar essa via á navegação mercante de todas as marinhas, entregar esse caminho ao commercio, á actividade, á industria dos povos era um dever e uma necessidade do Brasil.

Apresentaram o deputado Brusque e outros um projeto em 1864 abrindo a navegação do grande rio ao commercio das nações que estivessem em boas relações com o imperio, mas o senado rejeitou-o; e só em 7

de dezembro de 1866 é que appareceu o decreto nº 3749 realisando esse importante acontecimento, que solemnisou-se em 7 de setembro de 1867. Produzio na provincia do Pará vivo contentamento a promulgação do decreto de 7 de dezembro.

Na noite do dia 6 de setembro de 1867 illuminou-se a capital da provincia e uma banda de musica tocou hymnos e marchas triumphaes no largo do palacio da presidencia, por ser a vespera do faustoso dia em que o maior rio do mundo ia tornar-se conhecido ao commercio do mundo.

Ao alvorecer do dia seguinte troou a artilheria no castello da cidade, na fortaleza da barra, nos navios surtos no porto por ser esse o dia do anniversario da independencia do imperio, e tambem por ter de executar-se nelle a cerimonia da abertura do magestoso rio Amazonas. Rebentaran no ar milhares de girandolas, os navios de guerra e mercantes nacionaes e estrangeiros, as fortalezas, os edificios publicos, as casas consulares, e o caes da marinha ao longo do littoral hastearam bandeiras, e repetiram as musicas dos regimentos um hymno composto para

essa occasião e dedicado ao presidente da provincia.

Ás 8 horas da manhã, seguido do seu estado maior, de muitos funccionarios e cidadaõs dirigio-se o comselheiro de guerra, vice-almirante e presidente da provincia Joaquim Raymundo de Lamare á igreja cathedral que estava ricamente adornada, onde assistio ao *Te-Deum*, occupando a tribuna sagrada o conego Luiz Barroso de Bastos.

Termimada a cerimonia religiosa regressaram todos a palacio; seguiram se a parada composta de dois batalhões provisorios e de tres de guardas nacionaes, as descargas do estylo, os vivas ao imperador, á independencia do Brasil, as continencias do costume, o cortejo ás effigies das pessoas imperiaes e outros festejos usados nos dias de grande gala.

Estava ricamente enfeitada a sala do throno, tendo custado vinte contos o docel. O corpo consular, a assembleá provincial, a camara municipal, muitos officiaes da armada e do exercito, magistrados, corpora-

ções religiosas, commissões especiaes e muitos cidadãos concorreram ao cortejo.

Tocavam as musicas militares o hymno nacional nas salas do palacio.

As onze horas effectuou-se o embarque da comitiva que ia abrir as aguas do rio ao commercio das nações amigas.

Sahio do palacio do governo ; ia na frente o presidente da provincia fardado de vice-almirante com todas as suas condecorações, após elle os officiaes militares de mar e terra, os commendadores e cavalleiros das ordens honorificas do imperio, empregados de diversas repartições, o vigario geral governador do bispado, os consules, as commissões da assemblea provincial e camara municipal, negociantes e outras pessoas gradas.

Mostravam-se as ruas do transito cobertas de arêa e enfeitadas com bandeiras, e as janellas e passeios atopetados de espectadores. Ao meio dia a esquadrilha levantou ferro na seguinte ordem :

Na vanguarda o vapor *Paraense* como navio almirante, os vapores *Pará* e Jurupensen de propiedade do governo, os vapores *Belem*

Saure e *Inca* da Companhia do Amazonas [1] e o vapor *Odorico Mendes* da Companhia Costeira do Maranhão levando a reboque o pequeno vapor norte americano *Tralhoto* de propriedade particular. Fechava a linha a corveta *Nictheroy* que, em consequencia da maré, só pôde largar do ancoradouro a uma e meia horas.

Quando a esquadrilha começou a singrar as aguas echoaram estrepitosos vivas em terra e no mar, e estalaram no ar innumeras girandolas de foguetes; ao passar proximo aos muros da fortaleza da barra recebeu a saudação de vinte e um tiros; navegou até a Ponta do Mosqueira d'onde, tomando o o rumo do oeste, costeou a ilha de Cutijuba e em frente della, na vasta bahia do Marajó, parou o vapor *Paraense*, e deu signal chamando a seu bordo os commandantes dos outros navios e ás pessoas que tivessem de assistir á cerimonia da abertura do rio.

Reunidos todos no navio chefe leu o presidente da provincia o decreto de 7 de dezem-

[1] Installou-se essa companhia na provincia do Pará em 1 de janeiro de 1853.

bro de 1866, e pronunciou em voz alta o seguinte:

« Em nome de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II declaro abertos á navegação mercante de todas as nações amigas os rios Amazonas até a fronteira do Brasil, Tocantins até Cametá, Tapajós até Santarem, Madeira até Borba, e Rio Negro até Manáos. »

O conego vigario geral governador do bispado, Sebastião Borges de Castilho lançou a benção da igreja sobre as aguas da immensa bahia, e o presidente levantou vivas á religião do estado, ao imperador, á familia imperial, á nação brasileira, ás nações amigas, ao commercio, navegação, industria e artes, saudando essas acclamações os navios e as fortalezas com uma salva de vinte e um tiros.

Lido e assignado por todos o auto da solemne inauguração da abertura do Amazonas e seus principaes affluentes, tomou a palavra o cidadão Jorge Sobrinho, e em nome da Companhia de Navegação do Maranhão louvou o fausto acontecimento que todos presenciavam, merecendo em resposta

expressões lisongeiras e patrioticas do presidente da provincia.

Levantando ferros navegou a esquadrilha aguas acima ate a ilha de Arapiranga, onde virou de bordo rio abaixo, e buscou o rumo da capital; encontrou na ponta do Mosqueira a corveta *Nictherohy* para a qual se passaram o presidente, e todos que concorreram á esplendida festa maritima, e serviu-se alli um lauto jantar de trezentos talheres, repetindo-se durante o banquete os vivas e saudações ao dia 7 de setembro, á abertura do Amazonas e seus affluentes, ás nações amigas do Brasil representadas pelos respectivos consules, ao exercito e armada nacionaes, ao governo que sanccionou o decreto de 7 de dezembro de 1866, aos Drs. Tavares Bastos e Franco de Almeida que pugnaram pela promulgação dessa lei, e ao imperador, sendo este ultimo viva e o da inauguração da abertura dos rios, saudados com vinte e um tiros e calorosas acclamações.

Chegou a esquadrilha ao ancoradouro ás oito horas da noite.

Mostrava-se a cidade brilhantemente illuminada, e resplandecentes pela luz do

gaz todas as casas das ruas Nova do Imperador, Bôa Vista, Mercadores e do largo das Mercês.

Ostentavam a ponte e trapiche da Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas deslumbrante illuminação em galerias, arcos, columnas, pilastras, escudos, estatuas e jardins, e ornamentavam e davam effeito magico e surprendente a esta illuminação milhares de flores, cortinas de seda, bandeiras, candelabros, lustres, e muitos outros objectos de luxo e arte.

Erão lindas e grandiosas as illuminações da praça do Commercio, da sociedade portuguesa beneficente, da sociedade firmeza e humanidade, a do largo do palacio e as de outros edificios publicos e particulares.

Abrio o theatro Providencia as suas portas, e concorrerão todos ao espectaculo em grande gala não só pela solemnidade do anniversario da independencia, senão pelo facto grandioso que a provincia celebrava.

Continuaram na noite seguinte as illuminações, e deu o presidente em palacio um baile esplendido, brilhante, animado em que reunirão-se mais de duas mil pessoas, execu-

tando-se alli, pela primeira vez um hymno á abertura do grande rio da America, composto pelo maestro Gurjão.

Na noite do dia 9 ardeu no largo do palacio um fogo artificial, o maior e mais bem composto que presenciara o povo da capital da provincia.

Excederam de trezentos contos os gastos desses festejos, e jamais tivera-os a provincia tão enthusiasticos e pomposos.

Na falla com que o imperador, abrio a assemblea geral, em 22 de maio de 1867, annunciou á representação nacional que havião sido franqueadas ás nações mercantes as aguas do Amazonas e de alguns dos seus affluentes; disse o monarcha :

« Folgo de annunciar-vos que por decreto n. 3749 de 7 de dezembro do anno passado franquea-se, de 7 de setembro proximo em diante, aos navios mercantes de todas as nações a navegação do Amazonas, de alguns dos seus affluentes e dos rios Tocantins e S. Francisco. Esta medida que corresponde á expectação de nacionaes e estrangeiros, promette ao imperio os mais importantes beneficios. »

O decreto nº 3920 de 31 de julho de 1867 mandou observar o regulamento para a navegação do Amazonas e seus affluentes, e do rio S. Francisco; e o aviso de 22 de abril de 1868 estabeleceu regras para a navegação daquelle rio, seus affluentes e canaes.

É um acontecimento memoravel da historia politica e administrativa do Brasil o decreto que abrio o longo curso do Amazonas, seus affluentes e outros rios a todas as marinhas mercantes; deu a nação promulgando essa lei, um passo avantajado no caminho do commercio e da industria; rasgou o veo aos devaneios dos viajantes romancistas que, se acumulavão nessas regiões maravilhas inauditas, afastavão os mais ousados lembrando perigos insuperaveis; testemunhou o desejo nobre que nutre de associar-se ao commercio geral do mundo, e de engrandecer e povoar seu vasto territorio espalhando por todo elle a luz da civilisação.

Proclamando a liberdade desses grandes rios em 7 de setembro solemnisou o governo condignamente o memoravel dia da independencia nacional; consagrou ás paginas do reinado de D. Pedro II um facto magna-

nimo; fez reflectir nas aguas dos rios do norte do imperio os raios do sol que illuminaram as aguas do Ypiranga, e apontou ao Brazil a estrada do seu futuro, porque, como diz Humboldt: « — C'est là que, tôt ou tard, la civilisation du globe doît se concentrer un jour. — »

O almirante Greenfell

Morreu, em 20 de março de 1869, na sua residencia de Princ's-parch, em Liverpool, o consul geral do Brasil naquella cidade, João Pascoal Greenfell, almirante da armada brasileira. Contava sessenta e nove annos de idade.

Foi sua existencia assignalada por actos que tornaram seu nome respeitado, e grangearam-lhe numerosos amigos. Nasceu João Pascoal Greenfell em Batersea em 1800, e era filho de J. G. Greenfell, de Londres. Encetou cedo a trabalhosa vida do homem do mar.

Aos onze annos de idade começou a servir na companhia das Indias Orientaes, e fez diversas viagens de ida e volta da India, a principio como aspirante, e depois na qualidade de immediato.

Em 1819 entrou para o serviço da republica do Chile; foi promovido a tenente

sob o commando do conde de Dundonald, então lord Cochrane, almirante das forças chilenas, e pelejou na guerra da independencia contra a Hespanha.

Na noite de 5 de novembro de 1820 commandava o tenente Greenfell um dos navios da esquadra chilena, os quaes sob a direcção pessoal de lord Cochrane abordarão e aprisionarão, debaixo das baterias de Calhau de Lima, a capitana hespanhola Esmeralda, fragata que montava quarenta peças e se achava perfeitamente guarnecida e preparada para dar ataque.

Executaram esse notavel feito d'armas duzentos e quarenta voluntarios, na maior parte inglezes, embarcados em quatorze escaleres; cincoenta dos assaltantes ficarão mortos ou feridos, e entre estes ultimos o tenente Greenfell; e para provar que renhida havia sido a luta nocturna viam-se estendidos no convez da fragata, na manhã seguinte, duzentos cadaveres dos inimigos.

Terminada a guerra em 1823 alistaram-se o tenente Greenfell e lord Cochrane ao serviço do Brazil que se separara do dominio portuguez.

Muitos actos de bravura illustraram os nomes desses destimidos marinheiros na guerra da nossa independencia; promovido ao posto de commandante prestou o tenente Greenfell assignalados serviços á nação brasileira; obrigou a provincia do Pará a adherir ao novo governo; distinguio-se por seu denodo e bravura na guerra entre o Brazil e a Confederação Argentina, e no combate naval dado em frente de Buenos-Ayres, no mez de julho de 1826, perdeu o braço direito.

Restabelecido desse grande ferimento visitou á Inglaterra, mas em 1828 regressou para o theatro da guerra, e conseguio termina-la em breve espaço.

Concedera-lhe o governo brasileiro honras, mercês e uma pensão pela perda do braço.

Esposou em 1829 a D. Maria Dolores, filha de um distincto funccionario de Montevideo.

Continuou no serviço activo da armada com pequenos intervallos, merecendo novas promoções e condecorações.

Em 1844 alcançou da rainha Victoria

permissão para continuar no serviço do Brazil; em 1846 foi nomeado consul geral do Brazil em Liverpool; em agosto de 1848 recebeu felicitações da municipalidade de Liverpool, e obteve a medalha de ouro da Sociedade dos Naufragos da mesma cidade pela proficiencia que manifestou salvando os passageiros e tripulação do navio *Ocean Monarch*, que se incendiara em frente daquelle porto, e fôra promptamente soccorrido pelo vapor brasileiro *D. Affonso* commandado pelo capitão de fragata Joaquim Marques Lisboa, hoje visconde de Tamandaré.

Havendo apparecido em 1850 uma desintilligencia entre as republicas Argentina e Oriental, e achando-se involvido nesse acontecimento o Brazil, chamou o nosso governo ao chefe de esquadra Greenfell para assumir o commando da esquadra brasileira, que tinha de operar no Rio da Prata.

Declarada a guerra entre o imperio e a republica argentina portou-se Greenfell como official brioso e valente na direcção da esquadra, em quanto guiavão habil-

mente as forças de terra o conde de Caxias e o brigadeiro Manoel Marques de Souza, hoje conde de Porto Alegre.

O combate naval do Tonelero, dado em 17 de dezembro de 1851, foi um brilhante feito que honrou o Brasil e a vida militar do destimido guerreiro que commandava a esquadra nacional.

Teve essa campanha um fim glorioso e applaudido por todas as nações livres, por que libertou um povo do jugo de um tyranno.

Em remuneração dos serviços prestados na guerra contra o dictador Rosas foi Greenfell promovido a vice-almirante e teve a grã-cruz da ordem da rosa.

Despedio-se em 1852 do serviço activo, e voltando para Liverpool reassumio as funcções de consul geral do Brasil, exercendo-as até a sua morte, sem jamais desmerecer da estima e conceito publicos.

Subio em 1863 ao posto de almirante graduado.

Causou sua morte profundo pezar em Liverpool, e com magoa assistio o povo ao sahimento do cadaver, que foi trans-

portado, como pedira o finado, para o cemiterio Père Lachaise, e depositado no mesmo jazigo onde havia sido enterrada a sua esposa, e tambem o braço que elle perdera nas guerras do Brasil.

O general Abreu e Lima

Deu a alma a Deus, em 8 de março de 1869, na cidade do Recife, em Pernambuco, o general José Ignacio de Abreu e Lima, natural da mesma provincia, e filho do Dr. José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido na historia pelo nome do padre Roma.

Homem lido, devotado á causa da liberdade, de coragem civica, e de virtudes domesticas era o general Abreu e Lima prezado pelos seus concidadãos.

Tendo sido enviado pelos revolucionarios de Pernambuco em 1817 á provincia da Bahia o padre Roma, foi este preso, processado por uma commissão militar, e condemnado a morte foi immediatamente fuzilado no campo da Polvora.

Impavido encarou a morte patenteando nobreza de animo, profunda convicção ás ideas que abraçara; não perceberam-

lhe no semblante nem um esgar de temor, nem um indicio de arrependimento; mostrou na hora do supplicio a calma de um philosopho, e a resignação de um martyr, e considerando a morte uma redempção, desprezou seus algozes, e lançou os olhos para o ceo que ia receber a sua alma.

José Ignacio de Abreu e Lima, capitão de artilharia, vio-se forçado a afastar-se da terra em que havia sido trucidado como revolucionario seu pai o padre Roma; dirigio-se ás republicas de Venezuela e Colombia, alistou-se entre os defensores da independencia nacional, e pelejou pelas mesmas ideas que havião aberto o tumulo de seu pai; prestou valiosos serviços, e chegou a conquistar passo a passo, na carreira da milicia, o posto de brigadeiro.

Regressando ao Brasil em tempos mais felizes, de mais garantias e liberdades sociaes, requereu á assemblea legislativa o goso dos direitos de cidadão brasileiro, que perdera por haver aceitado honras e mercês de uma nação estrangeira; o poder

legislativo lh'o conferio, e a regencia sanccionou, em 23 de outubro de 1832, a resolução da assemblea.

A portaria de 12 de novembro do mesmo anno permittiu-lhe o uso de todos os titulos e distincções que havião-lhe sido conferidos pelos governos daquellas republicas em contemplação a seus serviços.

No Brasil tornou-se o general Abreu e Lima o homem do gabinete e do estudo; fez da penna o seu gladio, e dos livros seus companheiros das fadigas, das vigilias, dos trabalhos e das lutas, mas lutas de paz, lutas do espirito; illustrou as letras patrias, dedicou-se ao estudo da historia, e deixou um nome que a patria ha de perpetuar.

Achando-se gravemente doente e nas ancias da agonia pedio aos amigos, que margeavão-lhe o leito, fosse seu enterro sem pompa alguma, e apenas houvesse uma encommendação rezada ao seu cadaver, na capella do cemiterio. Porem o bispo diocesano D. Frannisco Cardoso Ayres, em officio dirigido ao administrador d'aquelle estabelecimento, prohibio fosse allí

recebido o cadaver do finado, sob pretexto de que, em seus ultimos momentos, não estivera elle de accordo com as doutrinas da igreja catholica apostolica romana.

Tendo sido recusado o leito do descanso no cemiterio catholico ao cadaver do general Abreu e Lima, conduziram-no seus amigos e parentes ao cemiterio protestante de Santo Amaro, cujas portas não consta que se fechassem uma unica vez diante dos restos mortaes de uma creatura humana.

Decorridos sete dias concorreram a esse lugar muitos convidados e outros que o não haviam sido, e todos protestaram contra a intolerancia religiosa, proclamaram a liberdade de consciencia, e lembraram o merecimento do morto, que se em algum tempo expendera ideas livres em materia religiosa, jámais se afastara da religião que bebera no berço, e tanto que ao expirar pedira uma emcommendação rezada diante do seu cadaver

O padre Roma, seu pai, não tivera sepultura catholica por haver sido fuzilado como revolucionario em 29 de março de 1817, na cidade de S. Salvador, na Bahia ; e mais de

meio seculo depois negaram alguns palmos de terra sagrada para repouso do cadaver do general Abreu e Lima, por haver discordado em pontos de doutrina que jamais renegou.

Pesou sobre os seus despojos mortaes o mesmo anathema que sobre os de seu pai; recusaram a ambos o *parce-sepultis* que a igreja ensina.

Apezar de ter Lamenais mudadode crenças religiosas, de ter pedido para ser sepultado sem apparato e sem o concursoado clero, não fecharam os bispos de França as portas do cemiterio *de Pere Lachaise* ao seu cadaver; mas no Recife, no anno de 1869, prohibiram que do rmitassem em chão catho lico os restos inanimados do general Abreu e Lima, que consagrára sua vida ás lettras, á patria, á liberdade, só porque discutira as doutrinas da Igreja.

Deus misericordioso abençôe a terra, em que dorme o somno sem fim esse benemerito da patria.

Vicissitude da sorte

Pereceu, em 8 de desembro de 1869, na cidade do Crato na provincia do Ceará, o antigo tabellião Antonio Duarte Pinheiro, que occupara esse cargo quasi quarenta annos, havendo sido nomeado no tempo dos Ouvidores.

Exaltara vivamente os animos a abdicação do primeiro imperador; no Ceará o coronel Joaquim Pinto Madeira apresentou-se, em 14 de dezembro de 1831, na villa do Jardim, contra os republicanos pretextando ter sido forçada a abdicação de D. Pedro I; elle e seus partidarios sustentaram a reacção, determinaram medidas violentas, entre outras um rigoroso recrutamento, atulhando de presos as enxovias da cadeia.

Um dos recrutados foi Antonio Duarte Pinheiro que, foi immediatamente remettido para a capital da provincia.

Lançado no porão de um navio atopetado de victimas do despota que flagellava o Ceará, seguio viagem para o Rio de Janeiro. Aconteceu então apparecer a bordo o contagio da bexiga, que se ateou entre os prisioneiros, matando muitos e reduzindo Duarte Pinheiro a um estado lastimoso.

Ordenou o deshumano commandante do navio que se abandonasse o moribundo recruta em uma praia deserta da provincia do Rio Grande do Norte; e alli ficou exposto ao tempo, sem alimento, sem remedio, sem o menor soccorro o pobre doente que teria fallecido, se não fosse acolhido e caridosamente tratado por alguns pescadores circumvisinhos.

Despresado e repellido como um lazaro achou Duarte Pinheiro quem o pensasse, libertando-o dos soffrimentos e da morte.

Corridos alguns annos via-se sentado junto a uma meza e defronte de um patibulo, um moço vergado ao peso dos trabalhos, com o rosto ennegrecido e sollo-

pado de signaes da variola. Escrevia elle o seguinte :

« Certifico que sahindo o réo Joaquim Pinto Madeira com sentença de pena ultima pelo conselho de jurados desta villa, e com o juiz de direito interino, o tenente coronel José Victoriano Maciel, a qual se passou a cumprir na forma seguinte ; Estando no calabouço de onde foi transferido para o oratorio, e dahi fora conduzido depois das vinte e quatro horas por lei marcadas, com todos os sacramentos da igreja ; e então sendo conduzido ao patibulo, com a força que da capital com elle foi vinda, e com as mais que se achavam nesta villa, que para o dito fim foram notificadas, e com assistencia do juiz de direito interino, o capitão Antonio Ferreira Lima, e o juiz de paz e criminal Antonio Vicente de Moura, e commigo escrivão do seu cargo, e então, por não haver carrasco, fora o dito réo sentenciado a ser fuzilado, na forma da lei ; e tudo isso com assistencia dos reverendissimos José Joaquim de Oliveira Bastos e José Felix dos Santos, secretario do visi-

tador, do que para constar, dou a minha fé.

Villa do Crato 29 de novembro de 1834. O escrivão do crime Antonio Duarte Pinheiro.

Mudança da sorte!

Escrevia a sentença de morte de Pinto Madeira o homem que, alguns annos antes, recrutado, preso e embarcado com muitos outros por ordem daquelle scelerado, assaltado pela bexiga, fora atirado ao desamparo para pasto dos corvos em uma praia quasi deserta!

Veja o *Jornal do Commercio* do mez de dezembro de 1869.

Tumulos de Bravos

Na campanha do Paraguay muitos bravos baquearam feridos ou mortos no fragor da peleja; o estrepito das descargas, o movimento dos trens, o ruido da cavallaria e o som dos clarins e tambores abafaram muitos gemidos e ancias de agonia de valentes guerreiros, que cahiram traspassados combatendo pela patria; e no chão inimigo ensopado em sangue, coberto dos destroços e tropheos da guerra, abriram-se as sepulturas para esses que morreram defendendo os brios e a honra nacional.

Muitos dos guerreiros que se alistaram nesses numerosos batalhões chamados dos voluntarios da patria, e em outros corpos do exercito, não voltaram mais á terra donde partiram; lá ficaram estendidos e sepultados no theatro da luta, indicando seus jazigos o desforço e o triumpho do paiz; porém de alguns desses corajosos pelejadores foram

mais tarde trasladados os restos mortaes para o solo patrio, que guarda-os como tropheos e reliquias sagradas dessa luta gloriosa que durou cinco annos.

No cemiterio de S. Francisco Xavier, nesta côrte, recolheu uma instituição humanitaria, guiada por um cidadão prestimoso e notavel, os despojos mortaes de tres guerreiros que sucumbiram na luta do Paraguay, onde illustraram seu nome e engrandeceram a fama da patria.

Falleceu no combate de Tuyuty o bravo tenente coronel José Martini, que na ilha do Cabrita e em outras investidas ao inimigo, manifestara denodo e galhardia militar.

No combate da ilha do Cabrita conquistara para si, e para a bandeira do batalhão que commandava, a fita da ordem imperial doCruzeiro, que deve alli permanecer, como um pendão glorioso, ate se finar o ultimo dos bravos desse batalhão heroico.

Em Tuyuty occupou José Martini o posto de maior perigo e a fileira dos mais valentes, e alli pereceu sem se poder contar as lançadas que traspassavam-lhe o peito.

Sepultado o brioso cabo de guerra no

campo do combate, requereu sua familia, algum tempo depois, uma sepultura rasa no cemiterio de S. Francisco Xavier, nesta côrte, para nella ter jazida os ossos daquelle que morrera defendendo a patria; mas zeloso dos brios nacionaes, propoz o provedor da Santa Casa da Misericordia, o conselheiro Zacharias de Goés e Vasconcellos, que se erigisse um jazigo perpetuo para nelle dormirem os ossos do denodado capitão.

É simples o tumulo, e no tampo de marmore traz a seguinte inscripção:

JAZIGO PERPETUO

DO

TENENTE CORONEL

JOSÉ MARTINI

Morto em combate no Paraguay a 16 *de julho de* 1865.

José Martini filho ligitimo do major Pedro Martini e D. Maria dos Santos Martini nasceu na villa de S. João Marcos em 26 de fevereiro de 1821,

Proximo desse jazigo ha outro onde dorme o somno da eternidade um digno companheiro de José Martini.

Eduardo Emeliano da Fonseca foi dos primeiros a alistar-se nas fileiras do exercito que marchou para o Paraguay; sua fé de officio é uma carta de nobreza; contam-se alli os triumphos pelos combates. Nunca recusou-se o valente militar á acção mais arriscada da guerra, e depois de muito haver batalhado cahio morto, sem jamais haver voltado o rosto ás descargas dos esquadrões inimigos.

Exhumados seus ossos e remettidos para esta côrte foram, pela sollicitude e patriotismo do provedor Zacharias de Goes e Vasconcellos, encerrados em jazigo perpetuo no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Indica o tumulo o seguinte distico:

O

MAJOR

EDUARDO EMELIANO DA FONSECA

COMMANDANTE

DO 4.º BATALHÃO DE VOLUNTARIOS DA PATRIA

MORREU GLORIOSAMENTE

Em 6 dezembro de 1868. *No combate de Itororó.*

PARAGUAY.

No mesmo combate de Itororó teve o leito dos mais valentes, o campo da peleja, o corpo do coronel Fernando Machado de Souza.

Como Emeliano da Fonseca pelejou elle nas primeiras linhas do exercito, como Emeliano da Fonseca impellio seus soldados contra o inimigo, e como aquelle encontrou a morte na acção fervorosa da luta.

Fernando Machado é um vulto notavel da guerra do Paraguay; figura seu nome entre os dos mais illustres capitães dessa cruzada, e a morte gloriosa que lhe coube por sorte elevou-o á posteridade.

Desejando a viuva desse destimido soldado trazer para o solo patrio os ossos do seu finado marido, como lhe fellecessem meios, recorreu ao provedor da Santa Casa da Misericordia, em 18 de março de 1871, implorando a sua piedade e patriotismo para remoção dos ossos do denodado guerreiro.

Ouvio o provedor Zacharias de Goes e Vasconcellos os lamentos e desejos da virtuosa matrona, e resolveuse levantasse no cemiterio de S. Francisco Xavier um tumulo

perpetuo para repouso dos restos mortaes do coronel Fernando Machado de Souza.

Indicou a viuva, D. Angelica Roza de Fontoura Machado, todos os signaes para descobrir-se a cova do seu chorado esposo nos barrancos de Itororó; que descansava o cadaver sobre uma folha de zinco, que debaixo do braço direito se havia de encontrar um copo de christal, e plantada sobre o jazigo uma cruz com o letreiro—aqui jaz o bravo coronel Fernando Machado de Souza.

Escreveu o conselheiro Zacharias ao general José Auto da Silva Guimarães incumbindo-o da remessa para a côrte dos ossos do coronel Fernando Machado; executou o general a honrosa tarefai declarou haver descoberto todos os signaes mencionados pela viuva do morto, e tambem sobre o ventre do cadaver um estilhaço de ferro jogado pela artilharia inimiga, e os vestigios da farda com as divisas de coronel, o unico dessa graduação militar que pereceu no combate de Itororó e alli foi sepultado.

Chegados no transporte *Inhauma* foram os despojos mortaes de Fernando Machado

recolhidos ao elegante jazigo que para elles estava reservado : o qual tem este epitaphio.

A' MEMORIA

DO

BRAVO CORONEL

FERNANDO MACHADO DE SOUZA

Morto gloriosamente a 6 *de dezembro de* 1868.

NO COMBATE DE ITORORÓ.

A lei de 28 de setembro de 1871

Desde remota data tornou-se commercio licito no Brazil o trafico de escravos.

Foi o governador Ruy Vaz Pinto, que entrou na administração da capitania do Rio de Janeiro em 19 de julho de 1617, o primeiro que introduziu os negros africanos nesta cidade, protegendo ás escancaras um monopolio a favor de Duarte Vaz, seu parente.

Ruy Vaz Pinto flagellou durante sua governação os habitantes desta cidade, forçando-os, sob ameaças de penas pecuniarias, a guardarem a porta da sua habitação, armados de arcabuzes e brandindo de noite fachos accesos; malquistou-se com a Camara, e accusou os vereadores de maos e rebeldes ao rei; elle desbragado velhaco e dissoluto tyranno.

Em carta regia de 16 de novembro de 1697 declarara el-rei que tomara a sua

conta introduzir escravos na capitania do Pará.

No periodo colonial e ainda depois de estar o Brazil entre as potencias livres e independentes, commerciava-se franca e desembaraçadamente em negros da Costa d'Africa; expunham-se a venda nas ruas e praças escravos semi-nús; um negro valia poucas moedas, e o misero atado aos ferros da escravidão, via pesar o mesmo castigo sobre seus filhos e toda sua descendencia.

Preconceitos sociaes, custumes máos e pervertidos, atraso, barbarismo, molestias, tudo se inoculava no paiz com esses entes que, privados de todos os direitos, reduzidos de pessoas a cousas, erão conhecidos como escravos.

O espectaculo de milhares de negros atulhados em armazens, misturados todos, homens e mulheres, velhos e meninos, mal entrajados, magros e abatidos, expostos á cubiça dos homens ricos, que alli iam escolher braços mercenarios, machinas para o serviço, chegou a tornar-se tão revoltante e asqueroso que disignou o vice-rei, marquez do Lavradio, um bairro afastado da cidade

para la ficarem a venda os miseros captivos.

Mais de uma vez aconteceu que, assim que punham o pé em terra esses miseraveis africanos, ardia a cidade em contágio truculento importado por esses infelizes do seu paiz natal; e tambem por isso foram elles removidos para o arrabalde da cidade conhecido longo tempo pelo nome de Valongo, onde commerciava-se livremente em carne humana, considerada boa e lidima mercadoria no paiz!

Nada era permittido ao escravo, nem liberdade de pensamento, nem de expressão, nem affeições de familia nem queixumes, nem lagrimas, nem prazeres, nem expansões de alegria, nem acquisição de cousa alguma; devia de pensar, trabalhar e viver para seu senhor, e reduzir-se a uma machina de movimento que se agitava ao aceno do azorrague.

Balbuciar uma palavra em recordação da patria, derramar uma lagrima de saudade pelos paes que viveram e morreram na liberdade, soltar um gemido por mulher e filhos abandonados nos desertos d'Africa, pensar em adquirir o mais infimo peculio, ten-

cionar volver á terra do seu berço, não podia o escravo, era considerado tudo isso pelos seus senhores como insuburdinação e crime.

Matavam ao misero desterrado a liberdade e o sentimento, manietavam-lhe os braços e fechavam-lhe o coração, e como anathema terrivel repetiam-lhe quotidianamente a palavra escravidão, que se transmitia a toda sua descendencia, a filhos e netos, e mais geração apezar de nascidos em um paiz que proclamara sua liberdade e independencia!

E quantos se não enriqueceram e se locupletaram de ouro com o commercio deshumano e immoral dos negros d'Africa; cabiam aos que mercadejavam em escravos os palacios mais sumptuosos, os dominios mais extensos, os cofres mais repletos; delles era o ouro, porque de cada navio que abicava ás praias, sahia uma população de negros que em poucos dias eram trocados por milhares de cruzados.

Bazeava-se a riqueza na escravidão, o numero dos escravos denunciava o peso dos thesouros do homem rico, e considerava-se que d'Africa provinham as rendas e a feli-

cidade do paiz, e que, desapparecendo essas levas de infelizes pobre e decadente tornar-se-hia a nação.

Era uma degradação, um crime, degradação porque o homem aviltáva o proprio homem, e crime porque, entes creados á semelhança de Deus, eram transformados em objectos de mercadoria, sem attender-se que bafejava-os tambem esse sopro divino que se chama alma ou animação.

Cuidaram as nações mais cultas e livres em abolir o trafico de escravos, condemnando a lei absurda e cruel da escravidão, que ligava perpetuamente aos ferros do padecimento, do trabalho e da sujeição o misero africano; e tambem entre nós os homens de todos os partidos, os de espiritos mais elevados porfiaram em resolver o problema social da extinção do trafico.

Mas se não destroem facilmente as instituições em que se firma o interesse particular, nem se realisam em curtos periodos as ideas uteis e grandiosas.

Assim como precisam alguns astros de muitos annos para percorrer o seu giro ce-

leste, as ideas altanadas incubam muito tempo antes de florescer e fructificar.

Ainda mais. Nem todos ousam encarar no rosto esqualido e dentes amarellos do Adamastor ; poucos por uma idéa lutão annos, e simgram a vastidão do occeano em busca de mares numca d'antes navegados, de terras numca d'antes conhecidas

Assim como se não abafa em um instante a cratera de um vulcão, nem se desviam de seu alveo as aguas de um grande rio, tambem se não operam em tempo limitado reformas grandiosas.

Antes de apparecerem a luz dormem as grandes ideas longo tempo, como a lia no leito dos lagos profundos.

Uma das mais uteis reformas que reclamava o paiz em nome da humanidade e da civilisação, era a do elemento servil ; a escravidão era um mal e uma ignominia para o paiz ; e por isso eminentes estadistas esforçavam-se em decidir o problema da extincção da escravidão ; reconhecia-se que não podia persistir em um estado livre, e em face das nações cultas, o trafico immoral de escravos, e empenhavam-se o parlamento

e a imprensa em resolver satisfactoriamente esse problema social e economico.

Mas convinha marchar prudente e cautelosamente na resolução dessa reforma; de golpe se não podia fazer tudo, condemnar o trafico e abolir a escravidão; e assim avisados andaram os politicos extinguindo primeiro o trafico e depois a escravidão

Um homem que escreveu seu nome nas mais brilhantes paginas da historia do Brasil, que esculpio-o nas pedras dos edificios de caridade, que ligou-o a tudo que mostra o paiz de notavel e util, José Clemente Pereira, foi quem, em sessão da assembléa legislativa de 18 de maio de 1826, elaborou um projecto em que lião-se estas palavras:

« O commercio de escravos acabará em todo o imperio do Brasil no ultimo de dezembro de 1840. »

Elevado a lei do Estado em 7 de novembro de 1831, condemnou esse projecto o trafico de escravos como criminoso e sujeito a penas severas.

Mas apezar das recommendações e reiteradas ordens do governo começou a ser illudida a lei de 7 de novembro de 1831, ou

« seja, diz o ministro da justiça no seu relatorio de 1834; porque uma grande parte da nossa população tem o prejuiso de pensar que sem braços escravos não podemos por ora passar, ou seja porque muitas autoridades locaes, por partilharem talvez o mesmo prejuiso, ou por qualquer outro motivo, facilitem e protejam o desembarque de africanos pelas costas do Brasil, e a sua introducção e venda pelo interior»

Para tornar mais efficaz a execução dessa lei, propoz o notavel estadista Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara, um projecto em que se consignavam as providencias precisas para a extincção effectiva do trafico. De feito consubstanciado esse projecto na lei de 4 de setembro de 1850, matou o nefando e deshumano commercio de escravos, punindo severamente áquelles que, levados por ambição illicita e reprovada, se locupletavam com a escravaria.

Furiosos ergueram-se os escravocratas contra essa lei que privava-os dos seus interesses, e noticiaram que ia a nação resvalar em um plano de decadencia, privada dos escravos d'Africa; que morta estava a lavoura,

e pobre e arruinado opaiz; mas correu o caso de modo diverso; principiou em 1850 o rapido engrandecimento da nação; nasceram emprezas mercantís, emprehenderam-se melhoramentos publicos, duplicou-se a renda geral, augmentou-se a immigração de colonos, caminhou o progresso social, e entrou o Brasil em uma phase nova e precursora de brilhante e esperançoso futuro.

Mas destruida a origem de onde emanava a escravidão era preciso estinguil-a gradualmente; e não convinha demorar mais essa questão, nem entregal-a ao tempo, o que seria o mesmo que perpetual-a; a indifferença ou inercia em tomar qualquer resolução a esse respeito seria um erro, senão um crime; clamava a humanidade contra a existencia de escravos no seculo 19, e se patenteava hostil a nação a essa instituição barbara e deshumana.

Attendendo á opinião publica, ás necessidades da epocha e á honra da nação apresentou o ministerio de 7 de março de 1870 um projecto, em que se tratava da reforma do elemento servil, da liberdade do ventre escravo, do peculio para a libertação, do direi-

to á remissão e da emancipação gradual com fundos publicos consignados annualmente no orçamento, etc [1].

O ministro da agricultura o dr. Theodoro Machado Freire Pereira da Silva leu o projecto na camara dos deputados em 12 de maio de 1871, e na dia 15 nomeou-se uma commissão especial para dar parecer que foi apresentado em 30 de junho.

Começou no dia 10 de julho a discussão do projecto do elemento servil.

Estava litteralmente cheio o recinto da camara; occupavam seus lugares todos os deputados que se achavam na côrte; viam-se nas tribunas e no salão as pessoas as mais gradas da escala social, entre outros muitos capitalistas, negociantes e fazendeiros; o povo atopetava as galerias, e encetada a discussão, tomaram a palavra notaveis e conspicuos oradores.

Teve o projecto longa, disputada e brilhante discussão, encarando-se os diversos modos de realizar-se a importante lei.

[1] Em 15 de julho de 1837 apresentara o deputado Antonio Ferreira França um projecto declarando livres os que nascessem no Brazil.

Diziam os oradores em opposição que se devia de pensar no abalo que simelhante lei ia causar no paiz, á segurança publica, aos interesses da lavoura, do commercio e ás rendas do estado; que havia precipitação e leviandade no governo em propor simelhante lei; que nada se devia fazer antes de ouvir aos centros ruraes, aos abastados fazendeiros, ás camaras municipaes; que se não devia de attender só á philosophia e á humanidade na referida questão; que era inconveniente, perigosa e fatal a libertação do ventre; que apresentando-se a população impellida pelo instincto humanitario a alforriar os escravos, incluindo as assembleas provinciaes em seus orçamentos verbas especiaes para manumissão de captivos, não convinha ao governo tomar a attitude que assumira, e nem desfechar sobre a sociedade brazileira golpe tão decisivo, prompto e violento, como era simelhante projecto; que se não devia fazer cousa alguma, deixando a questão ao bom senso, á philantropia do paiz, ou então preferir ao projecto do governo o que foi elaborado pela camara em 1870. Diversos deputados apresentaram represen-

tações dos lavradores contrarias ao projecto, e outros formularam emendas, como o deputado dr Perdigão Malheiro em sessão de 18 de agosto de 1871.

Declaravam os que defendiam o projecto, que a questão estava sufficientemente estudada; que com a solução d'ella se haviam occupado o conselho de Estado e differentes estadistas, e se apresentava a reforma convenientemente meditada e por isso era opportuna e indiclinavel; que achando-se empenhados na questão o interesse publico e o interesse particular não convinha retarda-la, porque quer fosse feita em 1871, ou um seculo depois despertaria a mesma opposição; que um projecto de tanta magnitude não podia ficar sem solução, pois, conhecido o seu conteudo, seria um erro deixar a escravidão em estado de receios e duvidas, e um perigo grave para o paiz; que adiar-se a reforma só para não se offender os interesses d'aquelles que se diziam prejudicados, era perpetuar a molestia social, abalar os alicerces sociaes, e preferir o direito privado ao direito e o bem geral; que se devia de attender ao futuro do paiz; considerar a escravidão como

uma instituição transitoria, que tinha de desapparecer, e não subordinar interesses de organisação social a interesses de ordem menos elevada; e se chegou a dizer que um dia que se passava sem o projecto dar um passo, equivalia a um seculo de atrazo.

Depois de porfiada discussão, na qual se empenharam os oradores mais eminentes dos dous lados, em que se dividia a camara, foi o projecto approvado em terceira discussão, no dia 28 de agosto, sendo rejeitadas todas as emendas, excepto a seguinte ao § 2º do art. 4º nestes termos: Supprimam-se as palavras ou por liberalidade de outrem. Barão de Anadia, barão de Araçagy, Camillo Figueredo, Ferreira Lage e Benjamin.

Requereu o deputado Mello Rego votação nominal sobre a adopção do projecto, e sendo isto approvado, recolheram-se 61 votos a favor e 35 contra.

Levado, no dia seguinte, o projecto ao senado approvou-se o requerimento para ser remettido a uma commissão especial de cinco membros para dar sobre elle seu parecer; no outro dia nomeou-se a commissão que ficou composta dos senadores Souza Franco,

viscondes de S. Vicente e de Sapucahy, João Lustosa da Cunha Paranaguá e Barros Barreto.

Requereu o senador barão de Muritiba que a commissão de legislação se reunisse á commissão especial para dar parecer sobre o projecto, mas, feitas algumas observações pelo presidente do senado, foi rejeitado o requerimento.

Apresentado e lido em sessão de 31 de agosto o parecer da commissão especial, declarou o presidente do senado que, tendo sido já distribuido impresso o projecto da camara dos deputados, que regulava o elemento servil, e o parecer da commissão especial, designava o referido projecto para ordem do dia 4 de setembro.

Aberta a sessão com quarenta senadores, faltando desoito para o estado completo do senado, isto é dezeseis que se achavam ausentes da côrte, e dous que deviam occupar as vagas dos senadores ha pouco fallecidos, José da Silva Mafra e José Manoel da Fonseca, leu-se o parecer da mesa sobre diversas representações dirigidas ao senado

acerca do elemento servil, e logo após encetou-se a discussão desse projecto.

Entraram no debate sustentando a reforma, nos dias em que ella esteve em discussão, os senadores visconde do Rio Branco, Francisco de Salles Torres Homem, Visconde de S. Vicente, Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato, Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Luiz Antonio Vieira da Silva, barão de S. Lourenço, Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, José Thomaz Nabuco de Araujo, Candido Mendes de Almeida, Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha e o ministro da agricultura Theodoro da Silva; e contra os senadores Zacharias de Goes e Vasconcellos, barão de Muritiba, barão das Tres Barras. Carlos Carneiro de Campos, visconde de Itaborahy, Jose Ignacio Silveira da Motta e Joaquim Antão Fernandes Leão. Apresentaram emendas ao projecto os senadores Silveira da Motta, barão de Muritiba e Carneiro de Campos, e requereu o primeiro o adiamento.

Discutido o projecto em dezesete sessões foi votado no dia 27 de setembro, obten-

do trinta e dous votos a favôr e quatro contra, deixando de assistir a essa sessão tres senadores dos que se achavam na côrte.

Pronunciaram-se quarenta e nove discursos contra, e vinte e sete a favor, e gastou-se na discussão setenta e tres horas.

Convertido em lei o projecto e sanccionado pela regente a princeza imperial D. Izabel, publicou-se no dia 28 sob o nº 2040, declarando de condição livre os filhos de mulher escrava, que nascerem desde da data da presente lei, libertos os escravos da nação e outros, e providenciando sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores, e sobre libertação annual de escravos.

Apresentara o projecto e conseguira torna-lo lei do estado o ministerio organisado em 7 de março de 1870 pelo visconde do Rio Branco e composto dos seguintes membros:

Visconde do Rio Branco presidente do conselho e ministro da fazenda; conselheiros João Alfredo Correa de Oliveira Andrade, ministro do inperio; Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato, ministro da justiça; Domingos José Nogueira Jaguaribe, ministro da guerra; Manoel Francisco

Correa, dos estrangeiros; Manoel Antonio Duarte de Azevedo, da marinha, e Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, da agricultura.

Dirigio como presidente os debates da camara dos deputados, na discussão calorosa do elemento servil, o conselheiro Jeronymo Jose Teixeira Junior, com muita imparcialidade e reconhecido merito.

Publicada a lei de 28 de setembro houve contentamento e rigosijo publico; ufanou-se a população do imperio por ver o passo dado pelo paiz no caminho da civilisação; muitas camaras municipaes e assembléas provinciaes felicitaram o governo, e especialmente ao visconde do Rio Branco, pelo patriotico esforço empregado nas duas camaras do parlamento na discussão e adopção de simelhante lei, que resolveu o grande problema social e economico, a extincção da escravidão no Brasil.

De feito desde o dia 28 de setembro de 1871 ninguem mais nasceu escravo no Brasil; as aguas do baptismo tornaram-se a ablucção da liberdade; a pia baptismal a arca da redempção social; a aspersão da a-

Escola Nac. de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

gua da igreja não só purificou o recemnascido, senão fez delle um ente livre e independente; a luz do evangelho foi tambem a luz da liberdade.

Viram os escravos ressucitar seus direitos em seus filhos, e desde então consideraram a escravidão não como um castigo perenne, porem como um mal passageiro.

Não podia o escravo continuar a se-lo no seculo desenove, nem a escravidão manter-se como uma instituição do paiz; e assim formulando e sanccionando a lei em que se gravaram estas memoraveis palavras, *ninguem mais nasce escravo no Brasil*, prestaram o parlamento e o ministerio de 7 de março relevante serviço ao paiz, e bem mereceram a gratidão nacional.

E esse importante melhoramento social operou-se com facilidade, sem perturbação publica, apezar do imperador achar-se ausente na Europa, e das ideas antiguadas e arraigadas ao solo, e tambem da grita e vozeria dos interesses particulares, que se diziam offendidos e atacados.

Clamavam os timoratos que a votação da lei de 28 de setembro seria o signal da re-

volução no paiz; pensavam os incredulos que esquecida seria essa reforma; mas illudiram-se uns e outros, viram ambos o triunpho da justiça, viram que o povo condemnava que se chamasse o braço escravo a alavanca do trabalho, e que ao africano embrutecido e escravisado devia de substituir o colono livre e intelligente.

Votada a lei de 28 de setembro multiplicaram-se as manumissões de escravos em todos os pontos do imperio; surgiram sociedades philantropicas empenhadas na emancipação dos captivos; as festas solemnes, os acontecimentos publicos, os dias de rigozijo particular assigualaram-se por meio de numerosas concessões de liberdade; registrou a imprensa diaria de dia para dia milhares de manumissões, e desde então se não publicou disposição testamentaria em que se não veja consignada a libertação de captivos.

Muitos senhores mandaram baptisar como livres os escravos nascidos poucos mezes ou dias antes da lei de 28 de setembro; libertou a nação todos os escravos que lhe pertenciam, e igual philantropia praticaram os reli-

giosos benedictinos, os carmelittas, a Santa Casa da Mizericordia e outras corporações humanitarias e religiosas.

A camara municipal da côrte deu o nome de 28 de setembro a uma das praças da cidade em commemoração da mencionada lei, e pensou em erigir um monumento á princeza imperial regente, que dera sancção ao respectivo projecto; mas, em aviso de 20 de fevereiro de 1871, declarou a princeza regente que não podia assentir na resolução de tal desejo quer feito á custa dos dinheiros publicos, quer por meio de subscripções ou donativos particulares.

Elogiando o ministerio de 7 de março, e especialmente o visconde do Rio Branco, pela promulgação da lei do elemento servil que realizou uma aspiração nacional, e ergueu a nação á altura das nações civilizadas que já tem comdemnado a escravidão, se não deve esquecer a gloria que cabe á camara dos deputados que, por iniciativa propria, nomeou em 1870 uma commissão especial de nove membros para estudar a questão da emancipação servil, e apresentar um projecto de lei, que de feito foi lido e

mais tarde substituido pelo projecto referendado pelo ministro da agricultura do gabinete de 7 de março,

O decreto n. 5135 de 13 de novembro de 1872 approvou o regulamento geral para a execução da lei n. 2040 de 28 de setembro de 1871.

Apezar da discussão e promulgação dessa lei haver produzido uma divisão no partido conservador, de haver concorrido para a dissolução da assemblea legislativa que se deu no anno seguinte, e de ter occasionado alguma agitação ou incidentes mais ou menos graves na população escrava, cremos ser a mais importante lei promulgada depois da nossa emancipação politica, e que será considerada nas idades futuras como o mais grandioso commettimento da geração presente; como a mais subida questão da ordem social resolvida pelo gabinete de 7 de março, que teve coragem para condemnar um passado inglorioso e maculado, ligando seu nome a um acto grandioso, que merecerá sempre os louvores da historia e as bençãos da humanidade.

O Sr. D. Pedro II

Nasceu o imperador D. Pedro II ás duas e meia horas da manhã do dia 2 de dezembro de 1825, no palacio da Quinta da Boa Vista.

Baptisou-se na capella imperial no dia 9 do mesmo mez e anno, tendo por madrinha a princeza imperial, mais tarde D. Maria II de Portugal, e por protector S. Pedro de Alcantara.

Em 2 de janeiro de 1826 apresentou-o seu augusto pae a Nossa Senhora, na igreja da Gloria de Outeiro, devoção seguida desde o tempo de D. João VI,

Houve nesse acto missa solemne e sermão recitado pelo padre Romualdo Antonio de Seixas, depois marquez de Santa Cruz e arcebispo da Bahia.

No dia 2 de agosto do referido anno, reunida no paço do senado a assembléa geral, achando-se presentes trinta e nove senado-

res e oitenta e oito deputados, foi reconhecido principe imperial.

Succedeu no throno a seu pae em 7 de abril de 1831.

Em 8 de dezembro de 1839 recebeu na capella imperial o sacramento da confirmação, tendo por padrinho seu tio o imperador d'Austria, representado pelo regente do imperio Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda.

Em 23 de julho de 1840 no paço do senado, em plena sessão da assembléa geral, prestou o juramento, e foi declarado maior como imperador do Brazil, pelo presidente do senado o marquez de Paranaguá.

Assignou os primeiros decretos no dia seguinte, nomeando o primeiro ministerio do seu reinado, do qual ainda existe um digno representante, o venerando visconde de Abaete, actual presidente do senado.

Em 31 de julho do mesmo anno deu a primeira audiencia de apresentação, no paço da Boa Vista, ao conselheiro Ildefonso Leopoldo Bayard, que veio residir no imperio no caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do reino de Portugal.

Em 15 de setembro de 1840 encerrou pela primeira vez a assembléa legislativa, e pela primeira vez abrio-a em 3 de maio de 1841.

Em 18 de julho de 1841 foi sagrado e coroado na capella imperial.

Casou por procuração a 30 de maio de 1843 com D. Thereza Christina Maria, terceira imperatriz do Brazil, e recebeu as bençãos matrimoniaes a 4 de setembro do mesmo anno.

Obtendo consentimento para sahir do imperio, ficou como regente a princeza imperial, que governou desde 23 de maio de 1871 até 30 de março de 1872, em que regressou o imperador da Europa.

Estatistica da cidade do Rio de Janeiro

Por occasião da chegada da familia real de Bragança em 1808 organisou-se um mappa estatistico da cidade do Rio de Janeiro, e vio-se que contava 46,944 almas, gente branca e de côr, livre e captiva.

Reunindo-se a esse numero os individuos clausurados nos conventos de S. Bento, Santo Antonio, Carmo, Santa Thereza, Nossa Senhora da Ajuda, nos seminarios da Lapa, S. José e de S. Joaquim, e nos recolhimentos da Misericordia e do Parto, e tambem aquelles que talvez se subtrahissem ás listas parochiaes, o que tudo andaria segundo os calculos daquella epocha, em 800 ou 1,000 almas, subia a população da cidade a 47,944 habitantes.

Contava a cidade nesse tempo, no seu recinto, dous mil e quinhentos homens de tropas regulares que elevavam o censo dos cidadãos a 50,444 almas. Desde aquelle

anno foi-se augmentando a população, e já em 1814, segundo os mappas enviados pelas differentes autoridades á intendencia geral da policia, elevava-se a população da côrte a mais de 100,000 almas.

Em 1820 a 1821 existiam na cidade, segundo os mappas ou relações enviados á policia, 9,916 casas que pagavam decima, exceptuando-se desse numero os predios da Misericordia por isentos desse imposto, e os damnificados, ou em obras. Contava a Misericordia 147 casas que, unidas ás outras, davam 10,063.

Em 1838 computava-se a população da côrte em 180,000 habitantes; e hoje, em 1873, segundo os quadros organisados pela directoria geral de estatistica, sobe a população do municipio da côrte a 273,029 habitantes, sendo 225,933 livres, e 47,096 escravos.

Conta a cidade 23,523 predios sujeitos á decima, 622 isentos desse imposto, e 82 edificios publicos; daquelles predios são de sobrado, de um ou mais andares, 8,208, assobradados 1,456, terreos 15,859.

Epigrammas

Um antigo empregado da alfandega do Rio de Janeiro, no tempo dos vice-reis, chamado F. Pinto, soffria investidas dos empregados daquella repartição, que por mofa, acrescentavam um — *r* — ao appellido Pinto nos bilhetes que elle assignava, de sorte que lia-se — *Pintor*.

—

Na porta dos aposentos do reitor do seminario de S. José está escripta a palavra reitor. Quando tomou posse desse cargo o padre Joaquim da Soledade Pereira, que tinha um olho de menos, ajuntaram os estudantes duas lettras ao distico, alliusivas ao defeito do mesmo reitor, e assim lia-se *Reitorto*.

—

No brigue, carregado de victualhas, que o governador de Pernambuco, Caetano Pinto

de Miranda Montenegro, mandou ao encontro do rei em viagem para o Rio de Janeiro, foi Antonio de Moraes e Silva, auctor do *Diccionario Portuguez;* vendo as fivelas de ouro que elle trazia nos sapatos, perguntou-lhe um fidalgo escarnecendo.

— Quanto pesam estas fivelas?

— Mais que a vossa cabeça, acrescentou Moraes com um riso ironico.

—

Na obra de Antonio Bernardino Pereira do Lago, intitulada *Cinco annos de emigração na Inglaterra, na Belgica e na França,* lê-se o seguinte:

« Certo desembargador, no Rio de Janeiro, sendo informante de uma provisão de previlegio de introducção de novo invento que requeria um individuo, e se offerecia illuminar a cidade por meio de gaz, o juiz informou contra, taxando o requerente de impostor por dizer que era *luz sem torcida.*

« Mal pensava o sr. desembargador que sem torcida se illumina a Inglaterra inteira »; e hoje todo o mundo civilisado, acrescentamos nós.

—

Um presidente da provincia de Matto Grosso escrevendo ao secretario do governo, disse-lhe o seguinte:

— Sr. Espirito Santo, será bom que Vm. faça publicar no jornal desta provincia alguns documentos interessantes que encontrar na secretaria do governo, afim de os salvar da *carcomida* traça.

—

Tratando da maneira porque se fizera a abertura da estrada de S. Paulo, disse esse presidente:

— Desenganem-se, esse trabalho foi feito com os pés dos burros, que o diga eu por experiencia propria.

—

O padre Dyonisio Leal, antigo capellão da chacára da Mitra, no Rio Comprido, foi visitado por um amigo que achou-o muito afflicto, e perguntando-lhe o motivo, respondeu o padre:

— Vejo-me enthusiasmado com este gado do sr. Bispo, por que deu na maxima de saltar as cercas para comer o capim.

—

Virão-no um dia com umas hervas medicinaes, e perguntaram-lhe:

— Que hervas são essas, sr. padre?

— São hervas cardeaes para rubricar o ventre, acrescentou o reverendo.

—

Dizia que nunca quiz ser vigario por causa da recompensabilidade, e para não se internar por essas terras inconquistaveis.

—

Estando a revestir-se para celebrar missa, voltou-se para um sujeito, que estava presente, e disse-lhe:

— Eram escusados tantos apparelhos; e ao collocar o cingulo acrescentou.

— Esta é a cilha mestra.

—

Existiu, em tempos já idos, nesta cidade, um medico muito conceituado chamado Estacio Goulart.

Tendo sido convidado para tratar da condessa de Rezende, mulher do vice rei conde de Rezende, na occasião de tomar o pulso á doente, cobriu esta o braço com o lençol,

pelo que o medico Goulart, pegando da aba da casaca, examinou o pulso da condessa, dizendo.

— Pulso de lençol mão de casaca.

—

Estacio Goulart era carcundo e residia na rua de Santo Antonio, onde tambem habitava José Joaquim de Freitas, official maior da secretaria de estado dos negocios do reino, o qual era aleijado como o medico.

Indo um pretendente procurar o official maior, dirigio-se por engano á casa de Estacio Goulart, e perguntou-lhe pelo despacho do requerimento, julgando fallar a José Joaquim de Freitas, e em resposta ouvio o seguinte.

— O senhor vem enganado, o official maior, a quem procura, mora allí defronte, elle é quem despacha esses requerimentos, que eu só despacho para o outro mundo.

—

Houve no tempo do vice-rei conde de Rezende um cirurgião chamado F. Gomes que era de acanhada e mesquinha intelligencia.

Desejando o lugar de cirurgião-mór foi pedi-lo ao vice-rei, que respondeu-lhe.

— Mór lhe posso fazer, porem cirurgião só Deos.

—

O coronel do regimento de Bragança João de Barros Pereira do Lago Soares de Figueredo Sarmento, fez o seguinte epigramma a um alfaiate :

Valentim, Deus, me valhas.
És o rei dos mandriões.
Que p'ra pregares uns botões.
Sete semanas trabalhas.

A uns musicos presos disse elle :

Seja assim ou seja assado,
Eu quero por esta vez,
Deitar fora do xadrez
Estes musicos do fado.

Quando se assignava punha esse coronel ponto e virgula entre Lago e Soares.

—

Nos ultimos dias de lucta que sustentou o general Madeira, na Bahia, contra as

tropas brazileiras, appareceu nas esquinas das ruas o seguinte pasquim.

O Madeira assentou
Que a Bahia era sua,
Chegou o Cockrane
Poz-lhe os quartos na rua.

—

João Sabino Bulhões Castello Branco, secretario do conselho da fazenda, no tempo de D. Pedro I, lavrou um despacho em um requerimento que ninguem entendeu, e esperaram que elle viesse ao tribunal, depois de ter sahido da semana no Paço, afim de dar a explicação. No primeiro dia de sessão do conselho mostraram-lhe o despacho; tomou elle os oculos, olhou para o que havia escripto e exclamou:

— Ora esta é boa, querem que eu entenda um despacho que escrevi ha quinze dias!

—

No dia 1 de março de 1870, em que foi morto pela lança do Chico Diabo o sanguinario despota do Paraguay, deu-se a coincidencia de publicar o *Diario de Noticias*,

folha de Lisboa, por occasião do carnaval, o seguinte:

— O feroz Lopes do Paraguay foi engolido por uma serpente e desappareceu cá deste mundo.

—

Lê-se na *Gazeta de Lisboa* de 4 de janeiro de 1782 o seguinte:

« J. A. C. Branco desembargador da India, oito annos chanceller do Rio de Janeiro, havendo perdido todos os dentes, tendo de idade 72 para 75 annos, sem fazer remedio algum, lhe nasceram outros novos, dos quaes 15 são já palpaveis e visiveis, 10 no queixo superior e 5 no inferior. »

O desembargador João Alberto Castello Branco foi membro do governo provisorio que se organisou no Rio de Janeiro, depois da morte do conde de Bobadella; terminado o tempo de chanceller, embarcou para Lisboa na náo de guerra *S. Sebastião.* e entrou para o conselho ultramarino.

—

Quando apparecia algum motim popular na cidade do Rio de Janeiro o marechal

reformado Pereira da Cunha expunha á janella a sua farda, afim de evitar, dizia elle, qualquer insulto.

—

Dizia o espirituoso poeta nacional Laurindo Rabello.

— Ha muita gente que conhece a grammatica só porque nella vê escripta a palavra *gramma*.

—

Vindo em viagem da Bahia para o Rio de Janeiro notou um sujeito que só tinha um dente na frente, o qual, depois de ter fallado mal de todo mundo, perguntou-lhe:

— Então que me diz doutor? Promptamente respondeu-lhe o poeta neste improviso:

Mete nojo inspira pena,
Até mesmo causa dó,
Ver morder em tanta gente
Um homem de um dente só [1].

—

Dedicou o conhecido poeta Gregorio de

[1] Veja Mosaico Brasileiro pag. 162.

Mattos em Pernambuco uma satyra ao clero e religiões; mas não incluio nella um padre por lhe não occorrer e viver este fóra da cidade. Dirigio-se este ingenuo sacerdote á casa do poeta afim de agradecer-lhe não o ter mettido na satyra. Perguntou-lhe Gregorio de Mattos o nome e onde residia e depois acrescentou:

— Reparou vossa reverendissima na poesia n'um *multitudo cavallorum* que la vem?

— Sim, senhor, disse o padre.

— Pois alli está vossa reverendissima comprehendido, retorquio o poeta.

—

Fez o marquez de Paranaguá a um commendador o seguinte epigramma:

No diccionario francez,
Como no teu peito assim,
Crachat se traduz escarro,
Placard se traduz pasquim.

Alberto Pires

Alberto Pires, pessoa das principaes familias de S. Paulo, casou na matriz dessa cidade, em 27 de janeiro de 1682, com D. Leonor de Camargo filha de Estevão Gomes Cabral e de sua mulher D. Gabriella Ortiz de Camargo.

Era Alberto Pires extremoso por sua mulher, não afrouxara o tempo os liames do amor que prendiam seu coração ao de sua consorte; como Salvador Pires, seu pai, que dedicou-se a devoção de Santa Ignez, e erigio-lhe uma capella por ser esta a Santa do nome de sua mulher, fazia Alberto do seu coração um nicho, onde constituia o amor um culto por Leonor de Camargo.

Nas reuniões familiares, nos divertimentos, passeios e folguedos publicos viam-se sempre unidos os dous esposos; eram corpos que se não separavam, porque atava-os um

sentimento intimo, profundo, vehemente, alimentado pelos corações de ambos.

Corrião os dias do entrudo, desse divertimento extravagante, grosseiro e perigoso substituido hoje pela folia dos mascarados, pela festança das sociedades e bailes carnavalescos, em que as flores, os enfeites, o luxo das roupagens, as intrigas innocentes, o bulicio ruidoso da valsa, as musicas, a agitação, as vozes, os gritos e risos estridulos dos mascarados divertem e contentam a todos.

Em dias do entrudo se não esquivava Alberto Pires aos brinquedos e folguedos proprios do tempo; armava-se de limões de cheiro, cercava-se de bacias d'agua, atopetava os bolsos de povilho, dilacerava a couve, a abobora, e outros adubos que vinham á mesa, e ei-lo activo e agil nesse jogo vertiginoso e adoudado.

Acompanhava-o sua esposa, e ambos travavam luta renhida e grotesca, por que ambos os contendores acabavam escorrendo em agua e besuntados de polvilho, ou de qualquer iguaria trazida á mesa do jantar.

Mas aconteceu em um dia dessa loucu-

ra, a que chamavam divertimento, atirar Alberto Pires com mais violencia um limão espesso sobre a fronte de sua esposa que vacillou, perdeu os sentidos, cahio, e logo após falleceu.

Vendo morta a mulher por quem seu coração estremecia de amor, ficou Alberto allucinado, obscureceu-se-lhe a luz dos olhos, confundio se-lhe a rasão; desgraça tão inopinada e profunda perturbou-lhe as ideias; queria chorar mas sentia as palpebras seccas; desejava articular palavras, gritos de soccorro porém estrangulava-se-lhe a voz na garganta; ficou mudo, estactico, quedo como a pedra de um tumulo.

Assim permaneceu horas e horas, encarando fito no rosto cadaverico de Leonor; mas repentinamente correu-lhe o corpo um tremor convulsivo, que foi o seu despertar, relanceou os olhos em torno e vio-se só; e no entanto julgou ouvir vozes que accusavam-no de assassino, sentio os passos dos esbirros que vinham prende-lo, apalpou os pulsos e pareceu tocar em grilhões que apertavam-lhe as carnes, percebeu uma voz rouquenha repetir-lhe a sua sentença de morte,

e avistar o carrasco que impellia-o para o patibulo.

Tremeu, assustou-se, e terrorisado como se achava, pensou em executar um crime para desmentir uma suspeita; pensou para salvar-se em macular a honra da esposa, sem reflectir que tambem ia sacrificar a sua; elle que divinisara sua consorte, que fisera do seu amor o culto de sua alma, ia agora, pela turbação do juizo, manchar-lhe o nome, atirando sobre seu cadaver a maldição da deshonra.

Não vio nos olhos empanados de Leonor, no seu rosto frio e livido pelo halito da morte, uma expressão de perdão, antes leu-lhe no olhar, no semblante uma accusação, uma maldição atirada á sua face de assassino; e se ella condemnava-o, haviam todos de amaldiçoa-lo.

Mas Alberto Pires queria salvar-se ainda mesmo lançando a infamia e a deshonra sobre o corpo inanimado da consorte.

Concebeu um plano ignobil e horroroso; escreveu uma carta a seu cunhado Antonio Pedroso de Barros e outra a certo individuo da principal nobreza das familias de S. Paulo

convidando-os a vir entrudar, e indicando-lhes a fazenda em que se deviam de reunir.

Feito isto tomou um bacamarte carregado de balas, e em lugar occulto, na entrada da fazenda, alapou-se, esperou pelo cunhado, e logo que avistou-o, fez pontaria certa, disparou o tiro e matou-o.

Carregando ocadaver da mulher collocou-o junto do corpo da sua segunda victima; e apressando-se em chamar seus parentes e amigos, patenteou-lhes que, em desagravo da sua honra, matara no mesmo sitio em que se commettera a torpidade, os adulteros, que offendião-lhe a pureza do thoro conjugal.

Louvaram os parentes de Alberto Pires a sua briosa acção, e conclamarão que praticara judiciosamente, lavando no sangue dos adulteros a nodoa lançada em sua honra de esposo.

Mas a virtude é uma luz, e como luz espanca as trevas, e esclarece os factos. Um escravo que presenciara como acontecera a morte de D. Leonor de Camargo, divulgou a noticia, salvando a innocencia da victima,

a pureza da esposa, e manifestando á infamia e o crime de Alberto Pires.

Acendeu-se então o odio da vingança nos peitos dos irmãos de D. Leonor e do infeliz Antonio Pedroso, e juraram as duas familias castigar o algoz de sua honra e de seu infortunio.

Alberto Pires, o vil calumniador da esposa, o barbaro assassino de Antonio Pedroso, devia de pagar o ultrage e o crime com que maculara o solar de duas familias importantes da terra; não devia dar-se-lhe treguas, e cada um esforçar-se-hia por beber-lhe a tragos o sangue.

D. Ignez Monteiro, mãi de Alberto, vio o perigo imminente que ameaçava seu filho, e julgou salva-lo á ira dos seus inimigos acolhendo-o em sua casa; mas até lá foram os perseguidores, e cercada a casa, quedaram-se resolutos a *beber o sangue do traidor ou pelos fios do ferro ou pelas bocas das espingardas*, como diz o chronista. Viva afflicção se apossou de Ignez Monteiro; junto de si tinha o filho que se lhe arrojava aos pés pedindo misericordia, e ao redor da habitação ouvia as vozes, que accusavam-no, e

exigiam a entrega do culpado, se não queria ter arrasada e entregue a casa ás chammas.

A pobre mãi corria apavorada de um para outro lado, como para conter os inimigos, que parecia-lhe avançavam de todos os lados, e chorava, supplicava, mas inutilmente.

— Não ha misericordia para tão cruel criminoso, repetiam as vozes abafando os lamentos e choros de Ignez Monteiro.

Mas era necessario tomar um alvitre, porque as portas da habitação já se abalavam, e pareciam ceder entrada á turba desemfreada e rancorosa que violentava-as.

Entrolhada em diversos pensamentos lembrou-se D. Ignez de correr ao oratorio, e pegando na imagem de Christo, e soltos os cabellos, os vestidos em desalinho, e debulhada em pranto, abrio a porta, ajoelhou-se e implorou pelos signaes dos martyrios de Deus a vida do filho, e pedio que fosse elle entregue e sujeito ás leis do reinc para soffrer a sentença merecida, visto como a justiça já devassára das suas culpas.

A presença da pobre mãi, cujo tormento e dôr liam-se em seu semblante, o ter ella

desprezado todos os perigos, e, sem reflectir que tinha muitos contra ella só, ve-la, lavada em choro, sustentando a imagem de Christo, supplicar a vida do filho, causou isso repentina emoção nesses homens que, dominado pela paixão do odio e da vingança, reclamavam a vida de outro homem.

Recuaram um passo os Camargos e Barros, abaixaram as armas, e prometteram poupar a vida ao criminoso, se fosse elle immediatamente submettido á justiça de *el-rei nosso senhor*.

Alberto Pires foi preso, condusido para S. Paulo, e sujeito á justiça; preparados os autos do processo, determinou o ouvidor remette-lo á relação da cidade da Bahia que devia de julga-lo e puni-lo.

Partio o réo para Santos, donde devia de dirigir-se ao Rio de Janeiro, e dahi a Bahia.

Logo que seu filho seguio viagem, tomou D. Ignez Monteiro o caminho por terra até a villa de Paraty, e dalli encaminhou-se ao Rio de Janeiro, onde esperava salvar o culpado por intermedio de seus parentes, que os tinha de valioso merecimento, e por

meio do dinheiro de que podia dispôr em grande copia.

Chegou D. Ignez ao Rio de Janeiro antes do filho, porque a sumaca em que este se embarcara em Santos, impellida por ventos contrarios, arribou em alguns portos, e por fim abicou ao porto da ilha Grande.

Alli souberão os inimigos de Alberto Pires, que acompanhavam-no, da partida subita de D. Ignez e da sua chegada ao Rio de Janeiro, e receosos de que as rogativas dessa mulher, sua influencia e dinheiro salvassem o réo, planejaram hedionda vingança.

Tendo o navio deixado o porto, ataram ao pescoço de Alberto Pires uma pedra, e atiraram-no vivo ao mar. Desse modo desappareceu nos abysmos do oceano e teve morte violenta e cruel, aquelle que involvera o cadaver da esposa no manto da deshonra.

O commandante da sumaca ou snbornado, ou aterrado pelas ameaças dos perseguidores de Alberto Pires, virou de rumo, e singrou o navio para a villa de Santos.

O fim desastroso e fatal de Alberto abateu o animo de sua desditosa mãi, que

consumio os derradeiros dias da vida em lagrimas e gemidos, em orações e penitencias pela alma daquelle que tanto peccara no mundo. Quando sentio pousar-lhe no peito a mão fria da morte, arquejou repetindo orações e o nome do filho, e assim espirou.

Deste tragico acontecimento ao qual nem um accidente augmentamos, seguindo fielmente o chronista, resultou o desbarato da casa e bens de D. Ignez Monteiro, uma das mais consideraveis daquelles tempos em terras da capitania de S. Paulo [1].

[1] Veja *Nobliarchia Paulistana*, no tomo XXXIV, pag 18 da Revista do Instituto Historico.

A Nodoa de Sangue.

Residiam, no seculo passado, na cidade de S. Paulo, o coronel Antonio de Oliveira Leitão e sua mulher D. Branca da Silva, pessôas de bôa extirpe e qualidade.

Era Antonio de Oliveira ameno no tracto, nobre nas acções, e no porte, robusto, valeroso, dextro e agil cavalleiro.

Nas pomposas festas celebradas em 8 de abril de 1712. por occasião da acclamação da villa de S. Paulo em cidade, em tempo do governador Antonio de Albuquerque Coelho, foi Antonio Leitão um dos mais habeis no jogo da escaramuça a dois fios, e na corrida de touros, executada nessa solemnidade, subrepujou a todos e mereceu applausos geraes por haver de um só golpe decepado o pescoço de um touro.

Desse acto barbaro colheu louvores das damas mais mimosas que atopetavam o circo, e todo o auditorio acclamou-o victorioso.

De feito podia orgulhar-se do seu triumpho, pois ficara com a roupa tinta de sangue, espadanado dos golpes atirados ao pobre animal, que depois de fustigado e garrochado, ficou com o pescoço cortado cercio.

Acto igual praticou o marquez d'Alegrete Manoel Telles da Silva, numa festa de N. S. da Piedade, cortando *cercio* a cabeça de um touro d'uma só cutilada, estando presente o rei D. Pedro II. de Portugal.

Do certamem sahio o coronel Oliveira Leitão alegre e triumphante, ao som dos vivas e applausos do bello sexo

Tambem o antigo fidalgo Luiz de Boufflers, por quebrar uma ferradura entre os dedos, alcançou em Inglaterra a sympathia de uma duqueza.

São glorias e triumphos da familia dos Hercules. Com estas prendas, grandeza de animo e cabedal, diz o sisudo chronista, se passou o coronel Leitão para Minas Geraes, e na comarca de Ouro Preto, respeitado e venerado de todos, logrou occupar o lugar de ouvidor geral e corregedor, quando servindo de juiz ordinario mais velho da

cabeça da comarca, ausentou-se della o r prietario.

Em verdade deviam todos respeitar e ve erar um homem que cortava de golpe o pescoço de um touro, e era o primeiro e mais habil no jogo da escaramuça a dois fios.

Tinha Antonio de Oliveira Leitão, uma filha chamada Martha da Silva.

Alta, espigada, de compleição fraca, e mimosa, olhar amortecido, semblante pallido e sombreado pelos cabellos escuros como erão pretas as pupillas e as sombrancelhas que vestiam os olhos, não éra Martha formosa, mas attrahia e captivava o olhar a sua physionomia; havia uma expressão de bondade, um riso de candura nos traços de seu rosto, nos olhos, no abrir de seus labios que animava-lhe e embellezava-lhe as feições; se pronunciava uma palavra, se movia os labios com um sorriso, irradiava-se tanta graça no seu semblante que encarando-a dizia-se instantaneamente é sympathica.

E esses attractivos que conciliavam todas as affeições, actuaram fortemente em um peito, e originaram nelle uma paixão vehe-

mente, que na terra não tem outra igual, que vivifica os corações como as flores aos prados, as estrellas ao firmamento, que dos anjos foi o primeiro sentimento que os elevou aos pés do Eterno e dos homens a primeira luz que illuminou-lhes o coração.

Assim como o suave e subtil perfume da rosa, o som terno e cadente da planta despertam-nos sensações doces e agradaveis, o enlevo, a attracção do rosto de Martha gerou no peito de Luiz de Gusmão essa ardente affeicção que se não sabe como começa, o que é, donde vem, como cresce e se expande no coração, e é chamada-amor.

Mas n'aquelles tempos já idos viviam as moças em reclusão, não respiravam as pobresinhas o ar perfumado dos salões, eram flores que se não expunham nos jarros de chrystal; fechadas, occultas só eram lubrigadas atravez das rotulas das janellas ou da gaze que envolvia-lhes o rosto.

Guardadas como criminosas de alta traição, para ellas era a casa um carcere, e os pais sentinellas vigilantes; se chegavam á janella não ousavam abrir a rotula que interceptava-lhes a vista, se sahiam á rua,

acompanhadas de pai e mãi, levavam a cara envolvida nas dobras pesadas da mamtilha e do veu, expondo somente como excepção a ponta do nariz.

Só em dias festivos, ou que lembravam anniversarios memoraveis ás familias, avistavam-n'as os visinhos, porém com muita reserva e em horas determinadas.

Só eram admittidos no recinto da familia os individuos da mais intima convivencia e da mais illibada e provada reputação.

Sãos e virtuosos tempos em que se attendia tanto para isso, que vai tendo hoje tão pouco ou nenhum valimento, a reputação!

Em dia anniversario natalicio de Antonio de Oliveira recebeu Luiz de Gusmão convite para jantar com aquelle seu visinho; desde esse dia ligou-se seu coração a outro, elle e Martha amaram-se, colheram da mesma arvore o fructo divino chamado amôr; e repetidos alguns encontros entre Luiz e Martha, na hora matutina da missa, resolveu-se o casamento dos amantes.

Não se admirem os leitores desse casamento entabolado repentinamente n'aquelles tempos em que se não conheciam a locomo-

tiva a vapor e o telegrapho electrico. Era assim que as cousas se faziam, porque parece não eram nossos avós treitos no namoro, e consta consideravam disparatada maroteira consumir uma moça dias, mezes e até annos em animada correspondencia, em ridiculo jogo de risos, olhares e gatimanhos, em troca de flores e fitas e outras minudencias com um taful, que por fim se despede, deixando-lhe ferido o peito, e cousa mais sisuda e grave, tisnada a reputação.

Homem de genio violento e animo precipitado era o coronel Antonio de Oliveira, levava longe o melindre da honra, e encher-gava em tudo offensa d'ella.

Idolatrava a filha, e velava n'esse thesouro que a Providencia lh'o dera, com um zelo excessivo e attenção continuada.

Ao ajustar o casamento da filha com Luiz de Gusmão expandio-se sua alma de alegria, porém desde então mais se accendeu n'elle a vigilancia sobre ella; já a não perdia de vista, pesava-lhe as palavras, calculava-lhe os desejos, notava-lhe os gestos, e estudava-lhe as acções.

Martha não ignorava que perspicazes eram

os olhos que acompanhavam-n'a no seu viver, e se receava de que a menor desconfiança assaltasse a alma de seu pai; temia-o e ao anjo da sua guarda pedia que lhe livrasse de alguma falta ou culpa imaginada, pois sabia que impulsos de colera e furor se arrebentariam n'essa occasião do peito do coronel Antonio de Oliveira.

Revoltava-se seu pudor de donzella contra essas presumções de falta que pudesse commetter, e a vigilancia constante, o severo cuidado sobre sua innocencia apagavam-lhe a confiança, a franqueza que como filha devia ter para com seu pai; fugia delle, e se praticava qualquer acção os esgares dos olhos denunciavam o susto, o temor em que ella vivia.

Em companhia de sua mãi ou só, junto ao oratorio, sustentado sobre a commoda de seu quarto, chorava Martha lastimando-se de seu pesado e rigoroso viver, e cuidava em occultar do pai essas lagrimas, porque se exprimiam angustia e dôr, queriam tambem dizer protesto e reprovação do genio cruento de Antonio de Oliveira.

Em certo dia, depois de haver derramado

bastante choro por lhe não permittir o pai o avistar-se ella com seu noivo, tomou Martha o lenço molhado em pranto, lavou-o para não deixar vestigios de lagrimas, e descendo a um quarto, cuja porta se abria para o quintal, aproximou-se de uma arvore, e nos ramos entretecidos della, estendeu o lenço ao sol.

Viu Antonio de Oliveira tremular o lenço na ramagem da arvore, e crendo ser isso um signal ou senha de alguma offensa á sua honra, desceu apressado ás escadas, e ao encontrar a filha no quarto do pavimento inferior da casa, perguntou-lhe arrogantemente que viéra fazer alli; Martha titubiou, tremeu, aterrou-a o olhar irado do pai, quiz fallar porém a voz se perdeu na garganta.

Enfurecido, pletorico de furor, julgando haver culpa onde só havia temor, arrastado pelos estimulos da paixão, crendo-se já deshonrados elle e a filha, sem nada averiguar, sacou de uma faca de ponta que trazia na algibeira do calção, cingindo-lhe a coxa direita, conforme era o costume do tempo, e cravou-a até ao cabo no coração da filha.

Do peito da infeliz se desprendeu um ge-

mido agudo que parecia suffocal-a, e quando o corpo baqueou no chão, estava morto.

Tão violenta foi a punhalada que do ferimento espirrou sangue que se espadanou nas paredes do quarto, e acrescenta o chronista:

« Da imaginada culpa e nota de impureza estava inteiramente innocente a gentil dama, e quiz a Divina Providencia patentear-lhe a virtude então e para o futuro, permittindo que o sangue que rubricou a parede do logar da tyramnia, na violencia do punhal que lhe atravessou o peito, não se apagasse com o decurso do tempo, e sendo passados muitos annos, ainda se conservava com viva côr para padrão da innocencia ».

Commettido o delicto apressou-se o coronel Antonio de Oliveira em apresentar-se ao dr. Ouvidor corregedor da comarca, e ao general D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar, e mais tarde marquez de Alorna, os quaes prenderam-no e remetteram-no para a cidade de S. Salvador na Bahia, afim de ser julgado por essa relação, então a mais

bem organisada e de mais numeroso pessoal.

No interrogatorio confessou o réo o crime, e por isso foi julgado e condemnado pelos desembargadores a padecer morte publica e affrontosa na forca; porém em respeito á nobre linhagem de que descendia Antonio de Oliveira, revogou-se a primeira sentença da forca, e lavrou-se outra determinando fosse o réo degollado em cadafalso alto.

Eram esses os magnanimos rasgos de clemencia com que os juizes daquelles tempos escurentados mimoseavam as suas victimas.

Em vez de ter o pescoço estrangulado, teve-o o coronel Antonio de Oliveira Leitão cortado de golpe em homenagem ao pergaminho da sua carta de nobreza.

Proveitosos e esquesitos previlegios dos que tem sangue nobre!

Tambem no seculo passado, tendo-se de enforcar um par de Inglaterra, lord Ferrers, ordenou o parlamento que o enforcassem com uma corda de seda!

Impassivel ouviu Antonio de Oliveira a leitura da sentença de morte.

Decorridas as horas no oratorio sahiu da

prisão em 16 de junho de 1721, caminhou firmemente para o patibulo, com o olhar fixo, com o andar grave, sem mostrar temor, sem tirar do peito um gemido, nem molhar-lhe os olhos uma lagrima.

Parecia um morto que tivessem erguido da cova, ou um sonambulo que caminhava; era como que extranho ao espectaculo do qual era elle a principal personagem: não conhecia os que rodeavam-no, não sabia dizer quem fossem, porque nunca os vira senão alli.

Os jesuitas, os juizes e soldados circulavam o criminoso, e o povo que enchia as avenidas dardejava-lhe olhares prescrutadores.

Parecia o réo affectado de uma paralysia dos musculos da face e da lingua, tal era a fixidez do olhar, o espasmo do rosto, e a persistencia em não repetir as orações que o padre jesuita resava-lhe ao ouvido.

Julgavam-no um impenitente, apossado do espirito máo que já lhe trazia presa a alma, fechado os labios ás orações, e os olhos á imagem de Christo que lhe era apresentada no transito para a forca.

Chegou o réo ás escadas do cadafalso, e ao subir o primeiro degráo, collocou-lhe o padre jesuita em frente o rosto do crucifixo; o réo como acordando do somno, que começara na prisão e parecia dever findar uo tumulo, beijou a imagem divina, e vasando-se-lhe dos olhos lagrimas abundantes, abraçou-se no sacerdote, exclamando.

— Ella era innocente, meu padre.

Na cadeia haviam-lhe certificodo que a filha estava innocente, e explicaram-lhe o incidente do encontro della naquelle quarto, e o caso do lenço ao enxugar no sol; Antonio de Oliveira ouviu tudo silencioso, e engolfado em soturno pensar, nunca mais viram-no balbuciar palavra.

Conheceu que havia sido um sicario, e trasendo o peito ralado de remorsos, cahiu nesse langor, nesse entorpecimento de vida que já parecia morte; não gemia, não chorava, não fallava, era um homem inerte e mudo, que sustinha as correntes de ferro sem sentir-lhes o peso, que caminhava sob as abobodas da prisão, encarava no carcereiro, e recebia o alimento como não tendo consciencia que estava alli.

Mas ao galgar o primeiro degrão da forca, que tambem era o primeiro degrão do seu sepulcro, parece que, ao avistar a escuridão da morte, abriram-se lhe os olhos, soltaram-se-lhe os labios e declarou a innocencia da filha.

Consolou-o o padre jesuita, collou-lhe á boca a imagem de Christo, e afastando-se entregou-o ao carrasco que cumprio sua horrenda tarefa; e instantes depois rolava pelo chão a cabeça decepada do condemnado, em quanto pendente do cadafalso se balouçava o corpo, e ahi permanecia exposto aos ultrages do tempo e ás garras dos abutres.

Consta que logo que noticiaram-lhe o assassinio da sua noiva, sepultando Luiz de Gusmão em si a dôr de tão inesperada desgraça, resolveu afastar-se da sociedade, e buscar no recesso do claustro logar onde lhe não vissem as lagrimas, nem lhe ouvissem os gemidos; entrou para o convento dos carmelitas em S. Paulo, e fez do habito mortalha, e da cella o tumulo, porque nesse convento se finou [1].

[1] Veja *Nobliarchia Paulistana* no vol. 33 da Revista do Instituto Historico.

Angelina

I

Vivia Angelina em uma casa terrea de mesquinha apparencia, na cidade alta, na Bahia. Não tinha nem pai, nem mãi, e por unica companhia uma tia de avançada idade, chamada Bertha.

Contava Angelina quinze annos e era resplendente de belleza, não só pela contextura dos traços do semblante, senão pela expressão mimosa e agradavel das feições.

Tinha encantos e estava na idade risonha e bella da existencia, em que a mulher floresce, e tanto se assemelha á flôr que brota e se ostenta no prado.

Era estremicida pela sua tia, sua segunda mãi, que desde o berço a creára, que a adoptára como filha, porque ao começar a vida, vira-se Angelina envolta no manto da orphandade e da pobreza.

Como nunca tivera filhos dedicou Bertha todos os carinhos e afagos á sua sobrinha, e consagrára-lhe o amor imprudente que não sabe contrariar um capricho, que se subjuga á vontade e á indole da criança.

Não produzir nessa menina o menor desgosto, não apresentar-lhe a mais pequenina contrariedade, não ennuviar-lhe o semblante com a mais simples palavra reprehensiva, era o empenho constante da velha Bertha. E assim creou-se e cresceu Angelina sem ter recebido uma educação regular; e quando moça tornou-se vaidosa, pouco inclinada ao trabalho, sem conhecer da vida a menor contrariedade, sem experimentar o mais pequeno constrangimento, a mais leve falta, o mais diminuto pesar.

Gostavam os rapazes de passeiar pela rua onde residia Angelina, para vê-la á janella, na qual se ostentava bella e risonha, como essas flôres, que pelo seu suave perfume e matiz de côres são admiradas nas jarras de porcellana de Sevres.

Mais de um estudante se dizia apaixonado por essa moça que, de dia para dia parecia enriquecer em encantos, como mais

lindas se mostrão as rosas de manhã, prateadas pelas gottas do orvalho.

Ao terminarem as aulas iam os estudantes da eschola de medicina vêr a Lina, que era como elles denominavam a sobrinha de Bertha; e um delles, moço de familia distincta e que já frequentava o quinto anno medico, sentiu por essa moça, pobre, porém linda, viva inclinação, e depois amôr ardente como Paulo e Romeu dedicaram ás mulheres que amaram.

E' o amôr como a electricidade que se communica sem que se veja, e corre ás vezes tão apressado como o fluido electrico, pondo em intima communicação dous corações; Angelina amou ao estudante que amava-a.

Começou Bertha a perceber o amôr que a sobrinha devotava ao estudante, e não contrariou-o; sabia que pertencia o estudante á familia rica e nobre, e se não embaraçou em indagar se era possivel ou não a união dos dous jovens; não se costumara a contrariar a sobrinha, não affasta-la dos seus caprichos, e se não julgava com direito a ditar leis ao seu coração.

Comprehendendo que acharia opposição da parte de seu pai, se lhe fallasse em casamento com uma moça pobre e de familia obscura, cuidou o estudante em casar-se clandestinamente com a sobrinha de Bertha.

De feito deu os passos precisos, procurou obter as licenças da igreja, e prestes estava a realisar o seu maior desejo, quando informado seu pai de tudo, reprehendeu-o pela desobediencia e ingratidão, e tratou de retira-lo quanto antes da cidade da Bahia, enviando-o para o Rio de Janeiro, onde devia de continuar seus estudos medicos.

Informado da resolução inabalavel de seu pai, o estudante, enlouquecido de paixão, apossou se de uma idéia fatal.

Devia o paquete partir para o Rio na manhã seguinte, e nelle seguir viagem o infeliz amante de Angelina.

Allucinado, esquecendo tudo que devia a seus pais e a Deus, lhe não acudindo ao espirito os cuidados e carinhos que com elle tiveram na infancia, varrendo da idéia os sacrificios que sua educação impozera, e a dôr que ia levar ao peito de seus parentes

o amigos, se não recordando dos trabalhos, dos triumphos obtidos nos bancos da escola, nas aulas de medicina, onde deixava amigos e condiscipulos que tanto prezavam-no, levado só pelo orgulho, violentado só pelo despeito, levantou contra si a arma homicida.

Poucos instantes antes do embarque ouviu seu pai a detonação de um tiro no interior da casa; teve um presentimento repentino, correu ao quarto do filho, bateu á porta que estava fechada, esforçou-se por abri-la, e não podendo deitou-a ao chão, e ao penetrar no recinto achou o moço banhado em sangue e morto.

Disparára o infeliz um tiro no ouvido, e a morte fôra instantanea.

II

Corridas algumas horas sabia Angelina o fim desastroso daquelle que seu coração tanto amara.

Nunca sentira angustia tão repentina e violenta; jámais entrara-lhe no peito dôr

tão viva e profunda ; em vão tentou Bertha consola-la e dar allivio ao seu sentimento, não era porém attendida por Angelina que pela primeira vez debatia-se no acervo do soffrimento, e tocava com os labios o calix da amargura e da dôr.

Depois de dar larga expansão as lagrimas e aos gemidos pensou ella em afastar se da cidade da Bahia, onde tão desditosamente perecera o seu amado, pesando-lhe tambem no espirito, para tomar essa resolução, o receio de algum mal que lhe podesse causar a familia do infeliz estudante.

Não demoveram-na dessa ideia as rogativas e o cupioso pranto da velha Bertha, que pelo seu estado valetudinario não podia acompanha-la ao Rio de Janeiro, para onde tencionava Angelina transportar-se.

E teve Bertha de resignar-se, de concordar com a partida da sobrinha, que preferira vir alugar-se como creada no Rio de Janeiro, a continuar em uma terra onde se finara fatalmente o seu primeiro amor.

Pagou-lhe Bertha a passagem, deu-lhe algum dinheiro, e embarcando no paquete

inglez, chegou Angelina ao Rio de Janeiro em 1867.

Foi residir em um hotel, e alli pelo seu genio alegre e prasenteiro, pelo tracto ameno, pelos seus dotes physicos, tornou-se logo querida e festejada, e soube captivar a amizade de uma moça que habitava no mesmo hotel

Entregou-se Angelina á vida alegre e fogazã da corte. Os theatros, os passeios nos bonds ao Jardim Botanico, e a outros arrabaldes, as festividades religiosas e outras distracções simples e variadas foram pouco e pouco apagando-lhe a dôr e saudade que enlutavam-lhe o coração.

Brincava, ria, divertia se como moça que era, e tão linda que mais de uma cabeça desorientou-se encarando nella, admirando-lhe os encantos, e rendendo-lhe louvores e preito á sua formosura.

Mas sabia Angelina guardar sua honestidade e honra; favorecida por sua tia que enviava lhe uma pequena mezada, e pela amiga que encontrara no hotel, nada lhe faltava, e por isso desprezava toda a protecção que lhe parecia suspeitosa, e que

podia acudir-lhe o rubor ás faces. Vivia rindo e folgando sem renegar os sentimentos honestos que sua tia incutira-lhe.

Era a borboleta linda que volitava de flôr em flôr, era a mariposa mimosa que esvoaçava ao redor das chammas sem o calor crestar-lhe as azas.

Um dia convidou-a a amiga para ver o embarque de um batalhão de bravos que se dirigia para a guerra do Paraguay; tomou Angelina seu vestido mais bonito, e seguiu para o arsenal de marinha. O povo atopetava o recinto do arsenal; o Imperador lá se achava animando com a sua presença áquelles que iam defender a patria, e pouco antes de embarcar o batalhão, ao qual passara revista, aproximara-se do commandante e abraçara-o pedindo-lhe transmittisse esse abraço a todos seus companheiros de armas.

Teve Angelina vivo contentamento, experimentou grande enthusiasmo ao assistir a essa scena, e tão expansiva se manifestou em seus sentimentos que attrahiu mais de um olhar.

Entre aquelles que notavam o patriotismo e rendiam homenagem á belleza dessa moça,

havia um official que acompanhou a até o hotel, e desde então só não descuidou em trilhar o mesmo caminho para ver quem tanto o enlevara e prendera-o pelo coração.

Angelina reconheceu-se atada em liames iguaes; amou o official.

Se ia ao Passeio Publico, só percorria o jardim da praça da Constituição ou á rua do Ouvidor, encontrava sempre com o official seguindo-a, e mostrando-lhe affecto e sympathia.

Tomou um dia o bond para ir ao Jardim Botanico; em caminho um marinheiro embriagado cahio sobre os trilhos, o bond esmagou-o e descarrerou, e vendo o marinheiro morto o cocheiro fugio. Começaram os passageiros a clamar, appareceu um urbano, houve alvoroço, as senhoras que ião no carro assustaram-se, e apearam, entre outras Angelina, que vio logo junto a si o official, que notando-lhe a pallidez e susto do semblante, indagou que occorrera, e tranquilizou-a indicando-lhe outro bond no qual podia seguir para o Jardim.

Passados alguns dias apresentou-se o cocheiro á companhia dos carros, e a policia

esquecida da morte do marinheiro, não se cançou em investigar o delicto, em formar o processo do culpado que ficou impune, como muitas vezes ha acontecido.

Guiados por cocheiros inexperientes e imperitos, e correndo a toda a brida, atravessam esses carros as ruas estreitas da cidade, occasionam desastres, despedaçam braços ou pernas, matam individuos pouco cautelosos ou imprudentes, e a policia se não embaraça, deixa fugir os delinquentes e não responsabilisa a empreza dos carros por esses tristes e fataes acontecimentos!

Passou Angelina o dia no Jardim Botanico, admirando a rua das palmeiras, a queda das aguas em mais de uma cascata, os bosques de bambús, os longos taboleiros de relva, os lagos, as cercas de murta, e nesse passeio campestre mais de uma vez avistou ao official, que a principio limitou-se a cortejá-la, e mais tarde trocaram ambos palavras de amor.

Chegou o tempo da festa de S. Roque, na ilha de Paquetá, a qual attrahe todos os annos numerosa romaria.

No dia da festividade diversos vapores

embandeirados levam os romeiros a essa ilha pitoresca, de clima agradavel e salubre, situada quasi na extremidade da bahia.

O passeio do mar durante o qual se vão avistando diversas ilhas, as bandas de musica das sociedades particulares, as quaes durante o trajecto vão entoando alegres melodias, as barracas que se levantam na ilha ao longo da praia, nas quaes se vendem doces e toda a qualidade de comida, os coqueiros ornados de lampeões de cores abeirando as ruas, o leilão das offertas ao santo, o fogo de artificio, a concurrencia do povo e os episodios grotescos que se apreciam em uma festa campestre, são incentivos que fazem augmentar cada anno os devotos do glorioso S Roque.

Quiz Angelina assistir a esta festividade, lá divertir-se e apreciar os encantos, o murmurio, a animação de uma festa do campo em que excessiva é a comitiva dos romeiros. Entrando em uma das barracas armadas junto á igreja, encontrou um individuo que, sem ella saber, pagou lhe todas as despezas, e aproximando-se do lugar em que ella se

achava, tornou-se importuno com declarações de amor e palavras pouco decentes.

Via-se Angelina só e não sabia como repellir esse homem grosseiro e espiritualisado pelo vinho que bebera; vexada e afflicta queria sahir, mas detinha-a o individuo que cada vez se tornava mais imprudente e ousado.

Nessa precaria e penosa posição pensou ella em gritar, mas receou-se de algum escandalo praticado por esse homem que insultava-a e affligia-a, e estava muito inquieta e chorosa, quando appareceu o official que tomando da lapella do paletot arrastou o miseravel para fóra da barraca, e entregou-o a um policial que encontrou á porta.

Agradeceu Angelina ao official que afastara de si aquelle homem embriagado e desabrido, e agradecida a seu protector que em toda parte acompanhava-a por amparal-a e defen lel-a, confessou-lhe que era vivo o amor que tributava-lhe.

Correram assim alguns mezes felizes para os dous amantes, que embevecidos em seu amor, nelle encerraram suas alegrias como os passarinhos que, recolhidos ao ni-

nho, só cuidam em nutrir os filhos que occultam sob as azas.

Mas continuava a guerra do Paraguay; levado pelo desespero da luta multiplicava o dictador Lopes os artificios da defeza; parecia ter o dom milagroso de resuscitar os mortos do seu exercito, que cada dia se mostrava mais numeroso; armava velhos e meninos, empregava as mulheres no servico da guerra, taansformava as baterias em fortalezas, semeava os rios de torpedos, e orgulhoso e despota cuidava, em seus sonhos de ambição, poder vencer a luta contra os tres povos que atacavam-no.

O mais forte campeão contra tão ousado tyranno era o imperio do Brasil, que aprestando todos os meios de defeza, enviando diariamente contingentes e petrechos bellicos para o exercito, soube mostrar-se activo e perseverante, contando com o patriotismo e dedicação dos Brazileiros; e de feito não desmentiram elles o seu civismo, e em cinco annos de guerra sustentaram os brios e honra do pavilhão nacional.

Ordenou o governo que todos os officiaes se recolhessem a seus batalhões, que organi-

sados, deviam de marchar para o campo do combate.

Angelina soube dessa ordem porque o official lh'a revelou; quiz despersuadil-o, mas era impossivel não obedecer, quer por causa da disciplina militar, quer porque, nos dias gloriosos da guerra do Paraguay, não houve militar que se escusasse ao dever de defender a nação.

Foram muitos os bravos do exercito e da armada, ou antes foram bravos todos que se alistáram nas fileiras dos defensores da patria, porque se todos não se assignalaram nos feitos da guerra, cumpriram todos o seu dever.

Partiu o official para uma das provincias do Norte afim de unir se ao seu batalhão, que devia breve de embarcar para o theatro da luta.

Lavada em pranto despediu-se Angelina do seu amante, e vendo-se só, tendo-se ausentado aquelle a quem tanto estremecia, volvendo-lhe á mente ideias tristes, por acreditar que na guerra pereceria seu amado, e ella não o veria mais; não tendo quem a consolasse, nem resignação bastante, porque pouca era a fé que illuminava-lhe a alma, lem-

brando-se de que fôra infeliz no seu primeiro amor, e acordando-se-lhe no espirito o modo violento pelo qual conjurára o seu primeiro amante á sorte, resolveu suicidar-se sorvendo uma porção de phosphoro.

Tendo conhecimento do facto a dona da casa, onde então habitava Angelina, preveniu ás autoridades, chamou um medico e logo apoz appareceu ontro, os quaes applicáram os remedios appropriados, sendo preciso usar de meios obrigatorios para a paciente tomar os medicamentos, pois oppunha-se a qualquer tratamento. E tal era o seu desejo de morrer que, aproveitando-se de um momento de distracção das pessoas que curavam della, absorveu segunda doze de veneno, e então foram inuteis todos os esforços para afastal-a da morte, e a infeliz expirou.

Mais uma vez teve a sociedade de presenciar um suicidio, acto de desespero e loucura diante do qual deve desapparecer a compaixão, e só fazer-se ouvir a voz severa e calma da reprovação.

Sem saber o que era resignação, por não ter a alma fortalecida pela ancora da fé, abriu

essa moça violentamente o tumulo onde devia de ser enterrada.

Levantando contra si a mão homicida, destruiu em um instante os dotes primorosos com que a natureza a dotara, acabando com a vida que ainda estava em principio. Esqueceu-se de tudo, e tudo sacrificou ás ancias do coração; se não lembrou Angelina de sua tia, mulher velha e valetudinaria que a acolhera como filha, e que nas suas orações supplicava ao ceo pela vida dessa moça que podia amparal a e fechar-lhe os olhos no momento de descer á terra; julgou talvez ella um acto de coragem o despenhar se no tumulo, sem attender que para pratical-o offendia a Deus, e legava ao mundo um exemplo nocivo e fatal; esmagou em um momento o seu futuro, e preparando com as proprias mãos a mortalha em que devia envolver-se, fez seccar as lagrimas que diante do seu cadaver deviam de apparecer, porque a sua morte foi um crime.

Podem parecer severas estas palavras diante do tumulo dessa desgraçada, que em seus momentos de afflição não viu junto de si um lenço de mulher que lhe enxugasse as

lagrimas, nem uma voz amiga que a consolasse; mas convem que os leitores attendam que nestas phrases, procuramos aconselhar e advertir os vivos.

É verdadeiro o caso que acabamos de narrar; noticiaram-no os periodicos da côrte, e delle tratando disse o *Jornal do Commercio* de 1868:

« Angelina, natural da Bahia, poz termo á sua existencia, tomando uma porção de phosphoro.

« Morava essa infeliz em companhia de uma amiga sua, na rua da Uruguayana. Alli deu ella ante-hontem á noite principio á execução de seu sinistro designio. Avisadas as autoridades do occorrido, compareceram na habitação, e para logo os srs. drs. Moraes e Miranda prestaram-lhe os soccorros convenientes, sendo para isso necessario o emprego da força, por não querer a paciente tomar os medicamentos applicados. Mais tarde, illudindo a vigilancia das pessoas que guardavam-a, conseguiu Angelina absorver nova porção de phosphoro, e então baldados foram todos os esforços empregados para salval-a. A pobre moça expirou hontem ao meio dia.

« Diversas são as causas a que attribuem este suicidio. A versão porem que mais corpo tem tomado, é a que dá como origem daquelle acto de desespero uma exaltação amorosa.

« Na Bahia, segundo nos informam, attribuiram-lhe a causa do suicidio de um moço, filho de uma familia distincta, e por esse motivo veio para o Rio de Janeiro. Agora, tendo partido para o Norte, um official, por quem se apaixonára, e desesperando de tornar a vel-o, poz ella por sua vez termo aos seus dias. »

FIM.

INDICE

	PAG.
Bocage	5
Desembarque da familia de Bragança no Rio de Janeiro	11
O poeta Silva Alvarenga	17
Relação dos preços das cousas que por commum assento se vendiam em Minas Geraes em 1703	19
A victima da amizade	23
O conego Januario	29
Disciplina militar	31
A primeira sessão do Jury no Rio de Janeiro	33
O toque do recolher	37
Soneto feito por D. Pedro I	39
O primeiro ministro accusado e processado no Brazil	41
Fallecimento de José Bonifacio	49
Eleições	57
Historia de enforcados	63
Pessoas da familia de Bragança fallecidas no Rio de Janeiro	85
Um macrobio	89
Morte de Gonçalves Dias	93
Abertura do Amazonas	99
O almirante Greenfell	111
O general Abreu e Lima	117
Vicissitude da sorte	123
Tumulos de Bravos	127
A lei de 28 de setembro de 1871	135
O Sr. D. Pedro II	157
Estatistica da cidade do Rio de Janeiro	161
Epigrammas	163
Alberto Pires	173
A nodoa de sangue	182
Angelina	197

FIM DO INDICE.

RECTIFICAÇÕES

PAGINAS.	LINHAS.	ERROS	EMENDAS
121	12	concursuado.....	concurso do
132	16	tarefai.....	tarefa, e
186	8	planta.....	flauta
194	3	o rosto do crucifixo..	do rosto o crucifixo

Inaugurou-se a estatua do poeta Gonçalves Dias em 7 de setembro de 1873, e não em 3 de novembro como dissemos, e como a principio se determinara.

Typ. Franco-Americana — Rua da Ajuda n. 18. — 1873.